

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# A cartomante e outros contos

Machado de Assis

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da  
Literatura Brasileira*

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# A Cartomante e Outros Contos

Machado de Assis

# A Cartomante e Outros Contos

Machado de Assis

## Ilustrações

Eduardo Schloesser

## Editor

Malthus de Queiroz

## Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

## Direção de arte

Wilton Carvalho

## Diagramação

Roseane R. Nascimento

## Coordenação Editorial



## Direitos reservados à

### Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

Q3c Queiroz, Malthus de, 1976-  
A cartomante e outros contos / Machado de Assis ; adaptação  
Malthus de Queiroz ; ilustrações Eduardo Schloesser. – Recife :  
Prazer de Ler, 2012.  
96p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1.FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO. I.  
Assis, Machado de, 1839-1908. II. Schloesser, Eduardo,  
1962-. III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 12-0325

CDU 869.0(81)-93

CDD 808.899 282

ISBN: 978-85-8168-195-5

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

# A Cartomante e Outros Contos

# Sumário

Missa do Galo .....	9
A cartomante .....	18
Uns braços .....	29
Mariana .....	40
Conto de escola.....	51
O diplomático.....	60
D. Paula .....	71
A causa secreta .....	79
Um apólogo.....	89
Adão e Eva .....	91

# Missa do Galo

Nunca pude entender a conversa que tive com uma senhora, há muitos anos, eu tinha dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Como havia combinado com um vizinho de irmos à missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia-noite.

Eu estava hospedado na casa do escrivão Meneses, que foi casado, pela primeira vez, com uma de minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a sua mãe me acolheram bem quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, para estudar para os testes preparatórios. Vivia **tranquilo**, naquela casa da Rua do Senado, com os meus livros, poucos conhecidos, alguns passeios. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Os costumes eram antigos. Às dez horas da noite, todos estavam nos quartos; às dez e meia, a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro e, mais de uma vez, ouvindo o Meneses dizer que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam escondido; ele não respondia, vestia-se, saía e só voltava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que a ida ao teatro era uma encenação. Meneses estava envolvido com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana.

Conceição tinha sofrido, no começo, com a existência da outra; mas, afinal, aceitou, acostumou-se e acabou achando que era muito direito.

Boa Conceição! Chamavam-lhe “a santa”, e ela fazia jus ao título, suportava tão facilmente os esquecimentos do marido. Na verdade, tinha um temperamento moderado, sem exageros, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. Nessa história que conto,

podia ser maometana<sup>1</sup>; aceitaria um harém, com as devidas aparências. Deus me perdoe se a julgo mal. Tudo nela era calmo e pacífico. O próprio rosto era comum, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não falava mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar.

Naquela noite de Natal, o escrivão foi ao teatro. Era pelos anos de 1861 ou 1862. Eu já devia estar em Mangaratiba, de férias; mas fiquei até o Natal para ver “a missa do galo na Corte”. A família recolheu-se no horário de sempre; eu fiquei na sala da frente, vestido e pronto. Dali passaria para o corredor da entrada e sairia sem acordar ninguém. A porta tinha três chaves; uma estava com o escrivão, eu levaria outra, a terceira ficava em casa.

— Mas, Sr. Nogueira, o que você fará todo esse tempo?, perguntou-me a mãe de Conceição.

— Leio, D. Inácia.

Tinha um romance comigo, *Os Três Mosqueteiros*, que creio ser uma velha tradução. Sentei à mesa que havia no centro da sala, e à luz de um candeeiro de querosene, enquanto a casa dormia, subi mais uma vez no cavalo magro de D’Artagnan e saí às aventuras. Em pouco tempo estava completamente encantado por Dumas<sup>2</sup>. Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer quando se está esperando; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar atenção. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi lá dentro veio me acordar da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas à de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi surgir à porta da sala o vulto de Conceição.

— Ainda não foi?, perguntou ela.

— Não fui, parece que ainda não é meia-noite.

— Que paciência!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas. Vestia um roupão branco, frouxo na cintura. Sendo magra, parecia uma visão romântica, não muito diferente das que haviam no meu livro de aventuras. Fechei o livro, ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do sofá. Como eu lhe perguntei se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu rapidamente:

— Não! Imagine! Acordei por acordar.

<sup>1</sup> Muçulmana, seguidora de Maomé. Na religião muçulmana, é permitido ao homem ter mais de uma esposa.

<sup>2</sup> Alexandre Dumas, autor do romance *Os três mosqueteiros*.





W. J. F. J. J. J.

Olhei-a um pouco e duvidei do que dizia. Os olhos não eram de uma pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter pegado no sono ainda. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa para outra pessoa, esqueci depressa, sem me preocupar que talvez ela não dormisse justamente por minha causa e mentisse para não me afligir ou aborrecer. Já disse que ela era boa, muito boa.

— Mas a hora já deve estar próxima, eu disse.

— Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! E esperar sozinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu achei que se assustaria ao me ver.

— Quando ouvi os passos estranhei: mas a senhora apareceu logo.

— Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos Mosqueteiros.

— Justamente: é muito bonito.

— Gosta de romances?

— Gosto.

— Já leu a Moreninha<sup>3</sup>?

— Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.

— Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição **ouvia-me** com a cabeça reclinada no encosto da cadeira, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio fechadas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos lábios, para **umedecê-los**. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, endireitou a cabeça, cruzou os dedos e sobre eles apoiou o queixo, com os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos. “Talvez esteja aborrecida”, eu pensei. Falei alto:

— D. Conceição, creio que já está na hora, e eu...

— Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio, são onze e meia. Tem tempo. Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?

— Já tenho feito isso.

— Eu, não, perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, preciso passar pelo sono. Mas também estou ficando velha.

— Que velha o quê, D. Conceição?

<sup>3</sup> Referência ao romance A Moreninha, de Joaquim Manuel de Macedo.

Tal foi a emoção da minha palavra que a fez sorrir. Costumava ter os gestos demorados e as atitudes tranquilas; agora, porém, levantou rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim como estava, com um desalinho honesto, dava-me uma impressão singular. Embora magra, tinha não sei que balanço no andar, como se fosse difícil levar o corpo; essa aparência nunca me pareceu tão distinta como naquela noite. Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou consertando a posição de algum objeto no aparador; afinal parou, diante de mim, com a mesa entre nós. O círculo das suas ideias era pequeno; espantou-se novamente por me ver esperar acordado; eu repeti o que ela sabia, isto é, que nunca ouvira missa do galo na Corte e não queria perdê-la.

— É a mesma missa da roça; todas as missas se parecem.

— Eu acredito; mas aqui deve haver mais luxo e mais gente também. Olhe, a semana santa na Corte é mais bonita que na roça. S. João não digo, nem Santo Antônio...

Pouco a pouco, tinha-se reclinado; apoiou os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas. Como as mangas não estavam abotoadas, caíram naturalmente, e eu vi metade dos seus braços, muito claros e menos magros do que se poderiam imaginar.

A visão não era nova para mim, mas também não era comum; naquele momento, porém, a impressão que tive foi grande. As veias eram tão azuis que, apesar da pouca claridade, podia-se contá-las do meu lugar. A presença de Conceição me despertou ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade e de outras coisas que me vinham à boca. Eu falava emendando os assuntos, sem saber por quê, mudando-os ou voltando aos primeiros e rindo para fazê-la sorrir e ver seus dentes que brilhavam de brancos, todos iguaizinhos. Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava ao seu rosto um ar interrogativo. Quando eu aumentava um pouco a voz, ela me reprimia:

— Mais baixo! Mamãe pode acordar.

E não saía daquela posição, que me enchia de gosto, de tão perto que ficavam as nossas caras.

Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido: nós dois cochichávamos, eu mais que ela, porque eu falava mais; ela,

A Cartomante e Outros Contos

---

às vezes, ficava séria, muito séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cansou, trocou de atitude e de lugar. Deu a volta à mesa e veio sentar-se do meu lado, no sofá. Virei e pude ver, rapidamente, o bico das chinelas; mas foi só o tempo que ela gastou para sentar-se, o roupão era comprido e logo as cobriu. Lembro-me que eram pretas. Conceição disse baixinho:

— Mamãe está longe, mas tem o sono muito leve, se acordasse agora, coitada, não pegava no sono tão cedo.

— Eu também sou assim.

— O quê?, perguntou ela inclinando o corpo, para ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do sofá e repeti a palavra. Ela riu da coincidência; também tinha o sono leve; éramos três sonos leves.

— Há ocasiões em que sou como mamãe, acordando, demoro a dormir outra vez, rolo na cama, à toa, levanto-me, acendo vela, passeio, volto a deitar-me e nada.

— Foi o que lhe aconteceu hoje.

— Não, não, ela disse.

Não entendi a negativa; pode ser que ela também não a entendesse. Pegou as pontas do cinto e bateu com elas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois falou de uma história de sonhos e afirmou que só tivera um pesadelo, quando era criança. Quis saber se eu os tinha. A conversa foi sendo retomada assim lentamente, longamente, sem que eu lembrasse da hora ou da missa. Quando eu acabava uma narração ou uma explicação, ela inventava outra pergunta ou outra matéria, e eu começava novamente a falar. De vez em quando, reprimia-me:

— Mais baixo, mais baixo...

Havia também umas pausas. Duas outras vezes, **pareceu-me** que a via dormir; mas os olhos, fechados por um instante, abriam-se logo sem sono nem cansaço, como se ela os tivesse fechado para ver melhor. Uma dessas vezes acho que percebeu que eu estava absorvido pela sua pessoa, e lembro-me que os fechou novamente, não sei se apressada ou vagarosamente. Há impressões dessa noite que parecem incompletas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me.

Uma das que ainda tenho frescas é que, em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima. Estava

de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ela, quis levantar-me; não permitiu, pôs uma das mãos no meu ombro e me obrigou a ficar sentado. Pensei que ia dizer alguma coisa; mas sofreu um leve tremor, como se tivesse um arrepio de frio. Voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde tinha me achado lendo. Dali olhou de relance no espelho, que ficava por cima do sofá, falou de duas gravuras que estavam penduradas na parede.

— Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negócio deste homem. Um representava Cleópatra; não me lembro o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios.

— São bonitos, disse eu.

— Bonitos são; mas estão manchados. E depois, francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de um rapaz ou de um barbeiro.

— De um barbeiro? A senhora nunca foi a um barbeiro.

— Mas imagino que os fregueses, enquanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegre a vista deles com figuras bonitas. Em casa de família é que não acho próprio. É o que eu penso, mas eu penso muita coisa assim esquisita. Seja o que for, não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita; mas é de escultura, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratório.

A **ideia** do oratório me trouxe a da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quis dizer isso a ela. Penso que cheguei a abrir a boca, mas logo a fechei para ouvir o que ela contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia preguiça à minha alma e fazia esquecer a missa e a igreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida falava umas piadas de baile, uns casos de passeio, lembranças de Paquetá, tudo misturado, quase sem interrupção. Quando cansou do passado, falou do presente, dos negócios da casa, das canseiras de família, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que casara aos vinte e sete anos.

Já agora não trocava de lugar, como antes, e quase não saía da mesma atitude. Não tinha os grandes olhos compridos e começou a olhar à toa para as paredes.

— Precisamos mudar o papel da sala, disse daí a pouco, como se falasse consigo.

Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que fosse que me dificultava a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversa; fazia esforço para tirar os olhos dela, e tirava-os por um sentimento de respeito; mas a ideia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava meus olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo.

Chegamos a ficar por algum tempo — não posso dizer quanto — inteiramente calados. O único e quase inexistente rumor era um roer de camundongo no gabinete, que me acordou daquela espécie de sonolência; quis falar dele, mas não achei modo. Conceição parecia estar com os pensamentos longe. Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que berrava: “Missa do galo! Missa do galo!”.

— Aí está o companheiro, disse ela levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo, ele é que vem acordar você. Vá, que já deve estar na hora; adeus.

— Já está na hora?, perguntei.

— Naturalmente.

— Missa do galo! — repetiram de fora, batendo.

— Vá, vá, não os faça esperar. A culpa foi minha. Adeus, até amanhã.

E, com o mesmo balanço do corpo, Conceição entrou pelo corredor adentro, pisando mansinho. Saí à rua e achei o vizinho que esperava. Seguimos dali para a igreja.

Durante a missa, a figura de Conceição ficou mais de uma vez entre mim e o padre; isto era por conta dos meus dezessete anos. Na manhã seguinte, durante o almoço, falei da missa do galo e da gente que estava na igreja, sem despertar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, bondosa, sem nada que fizesse lembrar a conversa da véspera.

Pelo ano-novo, fui para Mangaratiba. Quando voltei ao Rio de Janeiro em março, o escrivão tinha morrido de derrame. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado<sup>4</sup> do marido.

<sup>4</sup> É aquele que substitui o titular de cartório, caso este não possa estar presente.



SCHLESSEK

## A cartomante

Hamlet comentava com Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia<sup>1</sup>. Era a mesma explicação que a bela Rita dava ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: “A senhora gosta de uma pessoa...”. Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as e, no fim, declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou!, interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou nas suas mãos e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança. Em todo caso, quando tivesse algum medo, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, chamou sua atenção; **disse-lhe** que era perigoso andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

— Não irá saber! Tive muito cuidado ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

---

<sup>1</sup> Hamlet, famosa obra de William Shakespeare; “Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que sonha a nossa vã filosofia”, Ato I - Cena V.



— Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém na ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

— Tu acreditas de fato nessas coisas?, perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet de outra maneira, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava **tranquila** e satisfeita.

Acredito que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar suas ilusões. Também ele, quando era criança, e ainda depois, foi supersticioso. Teve um arsenal inteiro de credices que a mãe lhe transmitira e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita e ficou só o tronco da religião, ele, como se tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a ausência de fé; diante do mistério, ficou feliz em levantar os ombros e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo não só o estava, mas via-a **envolver-se** e arriscar-se por ele, correr às cartomantes e, por mais que chamasse sua atenção, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma conterrânea de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde morava; Camilo desceu pela Rua da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação de como começou. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de professor. Camilo entrou no funcionalismo público, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No começo de 1869, Vilela voltou da província, onde tinha se casado com uma dama bonita e boba; abandonou a carreira de professor e veio abrir um escritório de advogado. Camilo arranhou-lhe a casa para os lados de Botafogo e foi recebê-lo no barco.

— É o senhor?, exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo, falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram muito amigos. Depois, Camilo falou para si mesmo que a mulher do Vilela confirmava as cartas do marido.

Realmente, era graciosa e tinha os gestos vivos, os olhos quentes, a boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte sério de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Não se via nele a ação do tempo nem os óculos de cristal, que a natureza põe cedo no caminho de alguns para fazer parecer mais velho. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e, nesse desastre, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, das orações e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, ele nunca soube. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela, era a sua enfermeira da alma, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor di femmina<sup>2</sup>: eis o que ele sentia nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe a jogar damas e o xadrez e jogavam às noites — ela mal, ele, para ser agradável, pouco menos mal. Até aí tudo bem. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muitas vezes os dele, que os consultavam antes de fazer algo ao marido, as mãos frias, as atitudes estranhas. Um dia, quando ele fazia aniversário, recebeu de Vilela uma bonita bengala de presente e, de Rita, apenas um cartão com um cumprimento comum a lápis. Foi então que ele pôde ler no próprio coração, não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras comuns; mas há coisas cotidianas que são sublimes, ou, pelo menos, prazerosas. A velha carruagem de aluguel, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, é igual ao carro de Apolo<sup>3</sup>. Assim é o homem, assim são as coisas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita,

<sup>2</sup> Em tradução livre: cheiro de fêmea.

<sup>3</sup> Referência ao deus grego Apolo, que guiava uma carruagem de fogo.

como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez seus ossos estalarem num espasmo e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e dominado. Vexame, sustos, arrependimentos, desejos, sentiu tudo misturado, mas a batalha foi curta, e a vitória, delirante. Adeus, escrúpulos! Não demorou para que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada afora, braços dados, pisando por cima de ervas e pedregulhos, sem sofrer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e o sentimento de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, Camilo recebeu uma carta anônima, que lhe chamava de imoral e traidor e dizia que todos sabiam da aventura. Camilo teve medo e, para desviar as suspeitas, começou a tornar raras as visitas à casa de Vilela. Este notou suas ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão fútil de rapaz. Inocência gerou esperteza. As ausências foram ficando mais longas, e as visitas encerraram-se inteiramente. Pode ser que entrasse nisso também um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir as gentilezas do marido, para tornar menos dura sua deslealdade.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do comportamento de Camilo. Vimos que a cartomante devolveu a ela a confiança e que o rapaz chamou sua atenção por ter feito o que fez. Passaram-se ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser em nome da virtude, mas despeito de algum pretendente. Essa foi a opinião de Rita, que, por outras palavras, formulou este pensamento: “A virtude é preguiçosa e mesquinha, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e generoso”.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse falar com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

— Bem, disse ela; eu levo o envelope para comparar a letra com as das cartas que aparecerem lá; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita apressou-se em dizer isso ao outro, e sobre isso refletiram. A opinião dela é que Camilo devia voltar à casa deles, sondar o marido, e pode ser até que ouvisse dele algo sobre algum negócio particular. Camilo discordava. Aparecer depois de tantos meses



era confirmar a suspeita ou denúncia. Era melhor se prevenirem, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram a maneira de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, enquanto estava na repartição, Camilo recebeu este bilhete de Vilela: “Vem já à nossa casa; preciso falar contigo sem demora”. Era mais de meio-dia, e Camilo saiu logo. Na rua, pensou que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava um assunto especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, pareceu trêmula. Ele combinou todas essas coisas com a notícia da véspera.

— Vem já à nossa casa; preciso falar contigo sem demora — repetia ele com os olhos no papel.

Na sua imaginação, viu a ponta de um drama, Rita reprimida e cheia de lágrimas, Vilela irado, pegando a pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele atenderia, e esperando-o para matá-lo. Camilo tremeu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso rejeitava a **ideia** de recuar; foi andando. No caminho, lembrou-se de ir em casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo.

Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a **ideia** de terem sido descobertos parecia-lhe cada vez mais provável; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela soubesse agora de tudo. A falta das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com uma desculpa qualquer, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas, ou então — o que era ainda pior — eram murmuradas ao seu ouvido, com a própria voz de Vilela. “Vem já à nossa casa; preciso falar contigo sem demora.” Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem já para quê? Era perto de uma hora da tarde. A emoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar que chegou a acreditar nisso e a vê-lo.

Positivamente, tinha medo. Pensou em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a **ideia**, envergonhado de si mesmo, e seguia, acelerando o passo, na direção do Largo da Carioca, para entrar numa carruagem. Chegou, entrou e mandou seguir rapidamente.

“Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso ficar assim...”

Mas o mesmo trote do cavalo veio agitá-lo mais. O tempo voava, e ele não demoraria para encarar o perigo. Quase no fim da Rua da Guarda Velha, a carruagem teve de parar, a rua estava bloqueada por uma carroça, que tinha caído. Camilo, em si mesmo, gostou do obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que, ao lado, à esquerda, ao pé da carruagem, ficava a casa da cartomante, a quem Rita tinha consultado uma vez, e nunca ele desejou tanto acreditar na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e cheias de curiosos do incidente da rua. Podia-se dizer que ali era a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se na carruagem, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária e, do fundo das camadas morais, surgiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O condutor propôs a ele voltar à primeira travessa e ir por outro caminho: ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para olhar a casa... Depois fez um gesto de quem não acreditava nestas coisas: era a **ideia** de ouvir a cartomante que lhe passava ao longe, muito longe, com enormes asas cinzentas; desapareceu, reapareceu e tornou a evaporar-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros circulares... Na rua, gritavam os homens, retirando a carroça:

— Anda! Agora! Empurra! Vá! Vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras coisas: mas a voz do marido sussurrava nas suas orelhas as palavras da carta: “Vem já”. E ele via os acontecimentos depois do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar. Camilo ficou um instante sem saber o que fazer... Pensou rapidamente no inexplicável de tantas coisas. A voz da mãe repetia para ele uma porção de casos extraordinários; e a mesma frase do príncipe da Dinamarca ecoava por dentro: “Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a filosofia...”. Que perdia ele, se...?

Viu que estava na calçada, ao pé da porta: disse ao condutor que esperasse e rápido enfiou-se pelo corredor e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos pelos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Subiu e bateu. Não aparecendo ninguém, teve **ideia** de descer; mas era tarde, a curiosidade agitava seu sangue, a cabeça latejava; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante.

Camilo disse que ia consultá-la, ela o fez entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal iluminada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos objetos, paredes sombrias, um ar de pobreza que antes aumentava do que destruíra o prestígio.

A cartomante o fez sentar diante da mesa e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e sujas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos manhosos e atentos. Voltou três cartas sobre a mesa e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

— A mim e a ela, ele explicou prontamente.

A cartomante não sorriu: disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez as cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, misturou os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas me dizem...

Camilo inclinou-se para receber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Ainda assim, era indispensável muito cuidado: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora devolveu a paz ao meu espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato<sup>4</sup>...

E, de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo sentiu um leve tremor, como se fosse a mão da própria sibila<sup>5</sup>,

---

<sup>4</sup> Tradução livre: rapaz apaixonado.

<sup>5</sup> Na Antiguidade greco-romana, mulher a que se atribuía o dom da profecia.

e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a soltá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis<sup>6</sup> e a entregou. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço normal era dois mil-réis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá, **tranquilo**. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na bolsinha e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante, alegre com o pagamento, subia as escadas, cantarolando uma barcarola<sup>7</sup>. Camilo achou a carruagem esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu rapidamente.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras coisas traziam outro aspecto, o céu estava límpido, e as caras, joviais. Chegou a rir dos seus medos, que chamou de infantis; lembrou-se da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele descobriu a ameaça? Pensou também que era urgente e que fizera mal em demorar tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia ele ao condutor.

E, consigo, para explicar a demora ao amigo, inventou qualquer coisa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para voltar à antiga dedicação... De volta com os planos, as palavras da cartomante ecoavam na sua alma. Na verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que não se conhece vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando, e o mistério empolgava-o. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, um pouco envergonhado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, o estímulo:

<sup>6</sup> Unidade monetária brasileira em vigor antes de 1º de novembro de 1942, quando foi substituída pelo cruzeiro.

<sup>7</sup> Canção dos barqueiros italianos, especialmente dos gondoleiros de Veneza, cujo ritmo lembra o movimento dos remos.



“Vá, vá, *ragazzo innamorato*”; e, no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa; tais eram os elementos recentes que formavam, com os antigos, uma fé nova e viva.

A verdade é que o coração ficou alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de antigamente e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória<sup>8</sup>, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Desceu da carruagem, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se e apareceu Vilela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha o rosto irreconhecível; **fez-lhe** um sinal e foram para uma saleta interior.

Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: ao fundo, sobre o sofá, estava Rita morta e **ensanguentada**. Vilela pegou-o pela gola e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

---

<sup>8</sup> A Glória é um bairro da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.



## Uns braços

Inácio sentiu um leve tremor ouvindo os gritos do solicitador<sup>1</sup>, recebeu o prato que este lhe apresentava e começou a comer, debaixo de um monte de nomes: malandro, cabeça de vento, estúpido, maluco.

— Onde anda que nunca ouve o que lhe digo? Vou contar tudo a seu pai, para que sacuda a sua preguiça do corpo com um bom pedaço de vara, ou um pau; sim, ainda pode apanhar, não pense que não. Estúpido! Maluco!

— Olhe que lá fora é isto mesmo que você vê aqui, continuou, olhando para D. Severina, senhora que vivia casada com ele, há anos. Confunde todos os papéis, erra as casas, vai a um escrivão em vez de ir a outro, troca os advogados: é o diabo! Tem um sono pesado e contínuo. De manhã é o que se vê. Primeiro, para acordar é preciso quebrar seus ossos... Deixe; amanhã o acordarei com pau de vassoura!

D. Severina tocou no seu pé, como se estivesse pedindo que acabasse. Borges botou para fora ainda alguns insultos e ficou em paz com Deus e os homens.

Não digo que ficou em paz com os meninos porque o nosso Inácio não era propriamente menino. Tinha quinze anos feitos e bem feitos. Nada na cabeça, mas bela, olhos de rapaz que sonha, que adivinha, que pergunta, que quer saber e não acaba de saber nada. Tudo isso colocado sobre um corpo gracioso, ainda que mal vestido. O pai é barbeiro na Cidade Nova e o pôs de agente, escrevente, ou o que quer que fosse, do solicitador Borges, com

---

<sup>1</sup> Profissional que pode cumprir mandato judicial e prestar consultoria na área jurídica.

esperança de vê-lo no tribunal, porque lhe parecia que os procuradores de causas ganhavam muito. Isso se passava na Rua da Lapa, em 1870.

Durante alguns minutos não se ouviu mais que o bater dos talheres e o ruído da mastigação. Borges entupia-se de alface e carne; pausava a frase com um golpe de vinho e continuava logo calado.

Inácio ia comendo devagarinho, não ousando levantar os olhos do prato, nem para colocá-los onde eles estavam no momento em que o terrível Borges o tratou mal. A verdade é que seria agora muito arriscado. Nunca ele pôs os olhos nos braços de D. Severina que não se esquecesse de si e de tudo.

Também a culpa era antes de D. Severina por trazê-los assim nus, constantemente. Usava mangas curtas em todos os vestidos de casa, meio palmo abaixo do ombro; dali em diante seus braços ficavam à mostra. Na verdade, eram belos e cheios, em harmonia com a dona, que era mais grossa que fina, e não perdiam a cor nem a maciez por viverem ao ar; mas é justo explicar que ela não os trazia assim por exibição, e sim porque já gastara todos os vestidos de mangas compridas. De pé, era muito vistosa; andando, tinha movimentos cheios de graça; ele, entretanto, quase que só a via à mesa, onde, além dos braços, mal poderia olhar seu busto. Não se pode dizer que era bonita; mas também não era feia. Nenhum enfeite; o próprio penteado era muito simples; alisou os cabelos, juntou-os, amarrou-os e fixou-os no alto da cabeça com o pente de tartaruga que a mãe lhe deixou. No pescoço, um lenço escuro; nas orelhas, nada. Tudo isso com vinte e sete anos floridos e sólidos.

Acabaram de jantar. Borges, quando veio o café, tirou quatro charutos da carteira, comparou-os, apertou-os entre os dedos, escolheu um e guardou os restantes. Aceso o charuto, apoiou os cotovelos na mesa e falou a D. Severina de trinta mil coisas que não interessavam nada ao nosso Inácio; mas, enquanto falava, não o tratava mal, e ele podia imaginar à vontade.

Inácio demorou o café o mais que pôde. Entre um e outro gole alisava a toalha, arrancava dos dedos pedacinhos de pele imaginários ou passava os olhos pelos quadros da sala de jantar, que eram dois, um São Pedro e um São João, registros trazidos de festas emoldurados em casa. Tudo bem que disfarçasse com S. João, cuja cabeça moça alegra as imaginações católicas, mas

com o rígido S. Pedro era demais. A única defesa do moço Inácio é que ele não via nem um nem outro; passava os olhos por ali como por nada. Via só os braços de D. Severina — ou porque olhava para eles escondido, ou porque andava com eles impressos na memória.

— Homem, você não acaba mais?, berrou de repente o solicitador.

Não havia remédio; Inácio bebeu a última gota, já fria, e retirou-se, como de costume, para o seu quarto, nos fundos da casa. Entrando, fez um gesto de zanga e desespero e foi depois encostar-se a uma das duas janelas que davam para o mar. Cinco minutos depois, a vista das águas próximas e das montanhas ao longe lhe devolvia o sentimento confuso, vago, inquieto, que lhe doía e fazia bem, alguma coisa que deve sentir a planta, quando desabrocha a primeira flor. Tinha vontade de ir embora e de ficar. Havia cinco semanas que morava ali, e a vida era sempre a mesma, sair de manhã com o Borges, andar por audiências e cartórios, correndo, levando papéis ao selo, ao distribuidor, aos escrivães, aos oficiais de justiça. Voltava à tarde, jantava e recolhia-se ao quarto, até a hora da ceia; ceava e ia dormir. Borges não lhe dava intimidade na família, que era formada apenas de D. Severina, nem Inácio a via mais de três vezes por dia, durante as refeições. Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãe e das irmãs; cinco semanas de silêncio, porque ele só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada.

“Deixe estar”, pensou ele um dia. “Fujo daqui e não volto mais”.

Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca tinha visto outros tão bonitos e tão frescos. A educação que tivera não lhe permitia encará-los logo abertamente, parece até que no começo afastava os olhos, vexado. Encarou-os pouco a pouco, ao ver que eles não tinham outras mangas, e assim os foi descobrindo, observando e amando. No fim de três semanas eles eram, moralmente falando, as suas tendas de repouso. Aguentava toda a trabalhadeira de fora, toda a melancolia da solidão e do silêncio, toda a grosseria do patrão, pelo único pagamento de ver, três vezes por dia, o famoso par de braços.

Naquele dia, enquanto a noite ia caindo e Inácio estirava-se na rede (não tinha ali outra cama), D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episódio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou

de alguma coisa. Rejeitou a **ideia** logo, uma criança! Mas há **ideias** que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as espante, elas voltam e pousam. Criança? Tinha quinze anos; e ela alertou que entre o nariz e a boca do rapaz havia um princípio de rascunho de bigode. Por que admirar-se se comesse a amá-la? E ela não era bonita? Esta outra **ideia** não foi rejeitada, mas afagada e beijada. E lembrou então os modos dele, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram sintomas, e concluiu que sim.

— Que é que você tem?, disse-lhe o solicitador, estirado no sofá, ao final de alguns minutos de pausa.

— Não tenho nada.

— Nada? Parece que aqui em casa anda tudo dormindo! Deixem estar, que eu sei de um bom remédio para tirar o sono dos dorminhocos...

E continuou, no mesmo tom zangado, fuzilando ameaças, mas realmente incapaz de as cumprir, pois era antes grosseiro que mau. D. Severina interrompia-o afirmando que não, que era engano, não estava dormindo, estava pensando na comadre Fortunata. Não a visitavam desde o Natal; por que não iriam lá uma daquelas noites? Borges respondia que andava cansado, trabalhava como um escravo, não estava para visitas de conversa fiada e desmoralizou a comadre, desmoralizou o compadre, desmoralizou o afilhado, que não ia ao colégio, com dez anos! Ele, Borges, com dez anos, já sabia ler, escrever e contar, não muito bem, é certo, mas sabia. Dez anos! Com certeza teria um bonito fim: vadio, e a farda nas costas<sup>2</sup>. A tarimba<sup>3</sup> é que viria ensiná-lo.

D. Severina acalmava-o com desculpas, a pobreza da comadre, a falta de sorte do compadre, e fazia carinhos nele, com cuidado, que eles podiam irritá-lo mais. A noite caíra completamente; ela ouviu o *tllic* do lampião do gás da rua, que acabavam de acender, e viu o clarão dele nas janelas da casa da frente. Borges, cansado do dia, pois era realmente um trabalhador de primeira qualidade, foi fechando os olhos e pegando no sono e deixou-a só na sala, às escuras, consigo e com a descoberta que acaba de fazer.

Tudo parecia dizer à dama que era verdade; mas essa ver-

---

<sup>2</sup> Desde o período colonial até o Império, o maior castigo era o recrutamento militar.

<sup>3</sup> Estrado de madeira onde dormem os soldados nos quartéis e corpos de guarda.

dade, passado o susto, trouxe-lhe uma complicação moral que ela só conheceu pelos efeitos, não achando maneira de perceber o que era. Não podia entender-se nem equilibrar-se, chegou a pensar em dizer tudo ao solicitador, e ele que mandasse embora o pirralho. Mas que era tudo? Aqui parou: realmente, não havia mais que uma suspeita, coincidência e possivelmente ilusão. Não, não, ilusão não era. E logo recolhia as pistas vagas, as atitudes do mocinho, o acanhamento, as distrações, para rejeitar a **ideia** de estar enganada. Daí a pouco (enganadora natureza!), refletindo que seria mau acusá-lo sem provas, admitiu que poderia ter se iludido, para o único fim de observá-lo melhor e investigar bem a realidade das coisas.

Já nessa noite, D. Severina olhava por baixo dos olhos os gestos de Inácio; não chegou a achar nada, porque o tempo do chá era curto e o rapazinho não tirou os olhos da xícara. No dia seguinte pôde observar melhor, e nos outros otimamente. Percebeu que sim, que era amada e temida, amor adolescente e virgem, contido pelos vínculos sociais e por um sentimento de inferioridade que o impedia de reconhecer-se a si mesmo. D. Severina compreendeu que não precisava se preocupar com nenhum desrespeito e concluiu que o melhor era não dizer nada ao solicitador; poupava-lhe um desgosto e outro à pobre criança. Já se convencera bem que ele era criança e resolveu tratá-lo tão secamente como até ali, ou ainda mais. E assim fez; Inácio começou a sentir que ela fugia com os olhos, ou falava grosseiramente, quase tanto como o próprio Borges. De outras vezes, é verdade que o tom da voz saía brando e até meigo, muito meigo. Assim como o olhar geralmente em fuga, tanto ia a outras partes que, para descansar, vinha pousar na cabeça dele; mas tudo isso era curto.

— Vou-me embora, repetia ele na rua como nos primeiros dias.

Chegava à casa e não ia embora. Os braços de D. Severina fechavam-lhe um parêntesis no meio do longo e tedioso período da vida que levava, e essa frase trazia uma **ideia** original e profunda, inventada pelo céu unicamente para ele. Deixava-se estar e ia andando. Afinal, porém, teve de sair, e para nunca mais; eis aqui como e por quê.

D. Severina tratava-o desde alguns dias com bondade. A grosseria da voz parecia acabada, e havia mais do que suavidade, havia dedicação e carinho. Um dia recomendava que ele não





apanhasse ar, outro que não bebesse água fria depois do café quente, conselhos, lembranças, cuidados de amiga e mãe que lhe lançaram na alma ainda maior inquietação e confusão. Inácio chegou ao extremo de confiança de rir um dia à mesa, coisa que jamais tinha feito; e o solicitador não o tratou mal dessa vez, porque era ele que contava um caso engraçado, e ninguém pune a outro pelo aplauso que recebe. Foi então que D. Severina viu que a boca do mocinho, que era graciosa quando estava calada, não era menos quando ria.

A agitação de Inácio ia crescendo, sem que ele pudesse acalmar-se nem entender-se. Não estava bem em parte nenhuma. Acordava de noite, pensando em D. Severina. Na rua, trocava de esquinas, errava as portas, muito mais que antes, e não via mulher, de longe ou de perto, que não a trouxesse à memória.

Ao entrar no corredor da casa, voltando do trabalho, sentia sempre algum alvoroço, às vezes grande, quando encontrava com ela no topo da escada, olhando através das grades laterais, como se ela tivesse vindo ver quem era.

Um domingo — nunca ele esqueceu esse domingo —, estava só no quarto, à janela, virado para o mar, que lhe falava a mesma linguagem confusa e nova de D. Severina. Divertia-se ao olhar para as gaivotas, que faziam grandes giros no ar ou pairavam em cima da água, ou voando somente. O dia estava lindíssimo. Não era só um domingo cristão; era um imenso domingo universal.

Inácio passava-os todos ali no quarto ou à janela, ou relendo um dos três folhetos que trouxera consigo, contos de outros tempos, comprados por uma pechincha, debaixo do passadiço<sup>4</sup> do Largo do Paço. Eram duas horas da tarde. Estava cansado, dormira mal à noite, depois de ter andado muito na véspera; estirou-se na rede, pegou um dos folhetos, a Princesa Magalona<sup>5</sup>, e começou a ler. Nunca pôde entender por que é que todas as heroínas dessas velhas histórias tinham a mesma cara e figura de D. Severina, mas a verdade é que tinham. Após meia hora, deixou cair o folheto e pôs os olhos na parede, donde, cinco minutos depois, viu sair a dama dos seus sonhos. O natural era que se espantasse; mas não se espantou.

Mesmo com as pálpebras fechadas, viu-a se desprender, parar, sorrir e andar para a rede. Era ela mesma, eram os seus

<sup>4</sup> Um corredor de acesso, uma passagem.

<sup>5</sup> O folheto da Princesa Magalona é uma história europeia antiga.

mesmos braços. É certo, porém, que D. Severina não podia sair da parede, a menos que houvesse ali porta ou rasgão, já que estava justamente na sala da frente ouvindo os passos do solicitador que descia as escadas. Ouviu-o descer; foi à janela vê-lo sair e só se recolheu quando ele se perdeu ao longe, no caminho da Rua das Mangueiras. Então entrou e foi sentar-se no sofá.

Parecia fora do natural, inquieta, quase maluca; **levantando-se**, foi pegar na jarra que estava em cima do aparador e deixou-a no mesmo lugar; depois caminhou até a porta, parou e voltou, ao que parece, sem plano. Sentou-se outra vez cinco ou dez minutos. De repente, lembrou-se que Inácio comera pouco ao almoço e tinha o ar abatido; pensou que podia estar doente; podia ser até que estivesse muito mal.

Saiu da sala, atravessou o corredor e foi até o quarto do mocinho, cuja porta achou escancarada. D. Severina parou, espiou, encontrou-o na rede, dormindo, com o braço para fora e o folheto caído no chão. A cabeça inclinava-se um pouco para o lado da porta, deixando ver os olhos fechados, os cabelos desarrumados e um grande ar de riso e de calma.

D. Severina sentiu seu coração bater com violência e recuou. Tinha sonhado de noite com ele; pode ser que ele estivesse sonhando com ela. Desde a madrugada que a figura do mocinho andava diante de seus olhos como uma tentação diabólica. Recuou mais, depois voltou, olhou dois, três, cinco minutos, ou mais. Parece que o sono dava à adolescência de Inácio uma expressão mais acentuada, quase feminina, quase infantil. “Uma criança!”, disse ela a si mesma, naquela língua sem palavras que todos trazemos conosco. E esta **ideia** abateu seu alvoroço do sangue e fez sumir em parte a perturbação dos sentidos.

“Uma criança!”

E olhou-o lentamente, cansou de vê-lo, com a cabeça inclinada, o braço caído; mas, ao mesmo tempo que o achava criança, achava-o bonito, muito mais bonito que acordado, e uma dessas **ideias** corrigia ou corrompia a outra. De repente sentiu um leve tremor e recuou assustada: ouvira um ruído; foi ver, era um gato que deitara numa tigela ao chão. Voltando devagarinho para espia-lo, viu que dormia profundamente. Tinha o sono duro, a criança! O barulho que a abalara tanto não o fez sequer mudar de posição. E ela continuou a vê-lo dormir — dormir e talvez sonhar.

Que não possamos ver os sonhos uns dos outros! D. Seve-

rina teria visto a si mesma na imaginação do rapaz; teria se visto diante da rede, risonha e parada; depois inclinar-se, pegar nas suas mãos, levá-las ao peito, cruzando ali os braços, os famosos braços. Inácio, namorado deles, ainda assim ouvia as palavras dela, que eram lindas calorosas, principalmente novas — ou, pelo menos, pertenciam a algum idioma que ele não conhecia, embora o entendesse. Duas, três e quatro vezes a figura desaparecia para voltar logo, vindo do mar ou de outra parte, entre gaiotas, ou atravessando o corredor com toda a graça de que era capaz. E, voltando, inclinava-se, pegava outra vez nas suas mãos e cruzava ao peito os braços, até que, inclinando-se ainda mais, muito mais, deixou um beijo na sua boca.

Aqui o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela. A diferença é que a visão não recuou, e a pessoa real, assim que cumpriu o gesto, fugiu até a porta, vexada e medrosa. Dali passou à sala da frente, atordoada pelo que fizera, sem olhar fixamente para nada. Afiava o ouvido, ia até o fim do corredor, para ver se escutava algum barulho que lhe dissesse que ele tinha acordado, e só depois de muito tempo é que o medo foi passando. Na verdade, a criança tinha o sono pesado; nada abria seus olhos, nem os ruídos ao lado, nem os beijos de verdade. Mas, se o medo foi passando, o vexame ficou e cresceu. D. Severina não acreditava que acabara de fazer aquilo; parece que tinha embrulhado seus desejos na **ideia** de que era uma criança namorada que ali estava sem consciência nem responsabilidade; e, meia mãe, meia amiga, inclinara-se e beijara-o. Fosse como fosse, estava confusa, irritada, aborrecida, mal consigo e mal com ele. O medo de que ele podia estar fingindo que dormia surgiu na sua alma e deu-lhe um calafrio.

Mas a verdade é que dormiu ainda muito e só acordou para jantar. Sentou-se à mesa alegre. Mesmo que achasse D. Severina calada e severa e o solicitador tão grosseiro como nos outros dias, nem a grosseria de um, nem a severidade da outra podiam fazer desaparecer a visão graciosa que ainda trazia consigo, ou diminuir a sensação do beijo. Não reparou que D. Severina tinha um xale que cobria seus braços; reparou depois, na **segunda-feira**, e na terça-feira, também, e até sábado, que foi o dia em que Borges mandou dizer ao pai que não podia ficar com ele; e não o fez zangado, porque o tratou relativamente bem e ainda lhe disse na saída:

SCHLOSSER



— Quando precisar de mim para alguma coisa, procure-me.

— Sim, senhor. A Sra. D. Severina...

— Está lá para o quarto, com muita dor de cabeça. Venha amanhã ou depois despedir-se dela.

Inácio saiu sem entender nada. Não entendia a despedida, nem a completa mudança de D. Severina, em relação a ele, nem o xale, nem nada. Estava tão bem! Falava-lhe com tanta amizade! Como é que, de repente... Tanto pensou que acabou supondo que houve de sua parte algum olhar indiscreto, alguma distração que a ofendera, não era outra coisa; e a sua cara fechada e o xale que cobria os braços tão bonitos... Não importa; levava consigo o sabor do sonho. E, através dos anos, por meio de outros amores, mais concretos e longos, nunca nenhuma sensação achou sendo igual à daquele domingo, na Rua da Lapa, quando ele tinha quinze anos. Ele mesmo exclama às vezes, sem saber que se engana:

— E foi um sonho! Um simples sonho!

# Mariana

## I

“Que foi feito de Mariana?”, perguntou Evaristo a si mesmo, no largo da Carioca, ao se despedir de um velho amigo, que lhe fez lembrar aquela velha amiga.

Era em 1890. Evaristo havia voltado da Europa, dias antes, após dezoito anos de ausência. Tinha saído do Rio de Janeiro em 1872 e pensava em demorar até 1874 ou 1875, depois de ver algumas cidades famosas ou curiosas. Mas, uma vez entrando naquele mundo em 1873, Evaristo deixou-se ficar, além do prazo determinado; adiou a viagem um ano, outro ano e afinal não pensou mais na volta. Havia perdido o interesse das nossas coisas; ultimamente nem lia os jornais daqui; era um estudante pobre da Bahia que os ia buscar emprestados e lhe falava depois uma ou outra notícia rapidamente. Ou então quando, em novembro de 1889, entra em sua casa um repórter parisiense, que lhe fala de revolução no Rio de Janeiro, pede informações políticas, sociais, biográficas. Evaristo refletiu.

— Meu caro senhor, disse ao repórter, acho melhor ir eu mesmo buscá-las.

Não tendo partido, nem opiniões, nem parentes próximos, nem interesses (todos os seus bens estavam na Europa), mal se explica a decisão súbita de Evaristo pela simples curiosidade; porém, não houve outro motivo. Quis ver o novo aspecto das coisas. Perguntou pela data de uma primeira representação no Odéon, comédia de um amigo, calculou que, saindo no primeiro navio e

voltando três navios depois, chegaria a tempo de comprar bilhete e entrar no teatro; fez as malas, correu a Bordéus e embarcou.

“Que será feito de Mariana?”, repetia agora, descendo a rua da Assembleia. “Talvez morta... Se ainda viver, deve ser outra; deve andar pelos seus quarenta e cinco... Upa! quarenta e oito; era mais moça que eu uns cinco anos. Quarenta e oito... Bela mulher; grande mulher! Belos e grandes amores!”

Teve desejo de vê-la. Perguntou discretamente, soube que vivia e morava na mesma casa em que a deixou, rua do Engenho Velho; mas não aparecia desde alguns meses, por causa do marido, que estava mal, parece que à beira da morte.

— Ela também deve estar acabada, disse Evaristo ao conhecido que lhe dava aquelas informações.

— Homem, não. A última vez que a vi, achei-a em forma. Não se dá mais de quarenta anos a ela. Você quer saber uma coisa? Há por aí roseiras magníficas, mas os nossos cedros de 1860 a 1865 parecem que não nascem mais.

— Nascem; você não os vê, porque já não tem saúde para trepar em árvores, respondeu Evaristo.

Crescera nele o desejo de ver Mariana. Que olhos teriam um para o outro? Que visões antigas viriam transformar a realidade presente? A viagem de Evaristo, é necessário sabê-lo, não foi de passeio, mas de cura. Agora que a lei do tempo fizera sua obra, que efeito produziria neles, quando se encontrassem, o fantasma de 1872, aquele triste ano da separação que quase o colocou doido e quase a deixou morta?

## II

Dias depois, descia de uma carruagem à porta de Mariana e dava um cartão ao criado, que abriu a sala para ele.

Enquanto esperava, circulou os olhos e ficou impressionado. Os móveis eram os mesmos de dezoito anos antes. A memória, incapaz de os reconstruir na ausência, reconheceu-os a todos, assim como a arrumação deles, que não mudara. Tinham o aspecto de velho. As próprias flores artificiais de uma grande jarra, que estava sobre um aparador, haviam desbotado com o tempo. Tudo

ossos espalhados, que a imaginação podia juntar para restaurar uma figura a que só faltasse a alma.

Mas não faltava a alma. Pendurada na parede, por cima do sofá, estava o retrato de Mariana. Tinha sido pintado quando ela contava vinte e cinco anos; a moldura, dourada uma só vez, descascando em alguns lugares, contrastava com a figura risonha e jovem. O tempo não havia descolado a beleza. Mariana estava ali, vestida à moda de 1865, com os seus lindos olhos redondos e enamorados. Era o único alívio vivo da sala; mas só ele bastava para dar à decadência do ambiente a rápida mocidade. Grande foi a comoção de Evaristo.

Havia uma cadeira defronte do retrato, ele sentou-se nela e ficou mirando a moça de outro tempo. Os olhos pintados fitavam também os naturais, talvez admirados do encontro e da mudança, porque os naturais não tinham o calor e a graça da pintura. Mas pouco durou a diferença; a vida anterior do homem devolveu-lhe a juventude exterior, e os olhos mergulharam uns nos outros, e todos nos seus velhos pecados.

Depois, vagarosamente, Mariana desceu da tela e da moldura e veio sentar-se defronte de Evaristo, inclinou-se, estendeu os braços sobre os joelhos e abriu as mãos. Evaristo entregou-lhes as suas, e as quatro apertaram-se cordialmente. Nenhum perguntou nada que se referisse ao passado, porque ainda não havia passado; ambos estavam no presente, as horas tinham parado, tão instantâneas e tão fixas, que pareciam haver sido ensaiadas na véspera para esta representação única e interminável. Todos os relógios da cidade e do mundo quebraram discretamente as cordas, e todos os relojoeiros trocaram de ofício.

Adeus, velho lago de Lamartine!<sup>1</sup> Evaristo e Mariana tinham ancorado no oceano dos tempos. E aí vieram as palavras mais doces que jamais disseram lábios de homem nem de mulher, e as mais ardentes também, e as mudas, e as loucas, e as desfalecidas, e as de ciúme, e as de perdão.

— Estás bom?

— Bom; e tu?

— Morria por ti. Há uma hora que te espero, ansiosa, quase chorando; mas bem vês que estou risonha e alegre, tudo porque o melhor dos homens entrou nesta sala. Por que demoraste tanto?

---

<sup>1</sup> Referência ao poema *Le lac* (O lago), do poeta francês Alphonse de Lamartine. A poesia fala sobre a passagem do tempo e um amor que não permaneceu.





— Tive duas interrupções no caminho; e a segunda muito maior que a primeira.

— Se tu me amasses de verdade, gastarias dois minutos com as duas e estarias aqui há horas. Que riso é esse?

— A segunda interrupção foi teu marido.

Mariana se abalou.

— Foi aqui perto, continuou Evaristo; falamos de ti, ele primeiro, a propósito não sei de quê, e falou com bondade, quase que com ternura. Cheguei a crer que era um laço, um modo de captar a minha confiança. Afinal nos despedimos; mas eu ainda fiquei espiando, para ver se ele voltava; não vi ninguém. Aí está a causa da minha demora; aí tens também a causa dos meus tormentos.

— Não venhas outra vez com essa eterna desconfiança, disse Mariana sorrindo, como na tela, há pouco. Que você quer que eu faça? Xavier é meu marido; não vou mandá-lo embora, nem castigá-lo, nem matá-lo, só porque eu e você nos amamos.

— Não digo que o mates; mas tu o amas, Mariana.

— Amo-te e a ninguém mais, respondeu ela, evitando assim a resposta negativa, que lhe pareceu muito crua.

Foi o que pensou Evaristo; mas não aceitou a delicadeza da forma indireta. Só a negativa rude e simples poderia satisfazê-lo.

— Tu o amas, insistiu ele.

Mariana refletiu um instante.

— Para que remexas a minha alma e o meu passado?, disse ela. Para nós, o mundo começou há quatro meses e não acabará mais; ou acabará quando você se aborrecer de mim, porque eu não mudarei nunca...

Evaristo ajoelhou-se, puxou seus braços, beijou suas mãos e fechou nelas o rosto; finalmente deixou cair a cabeça nos joelhos de Mariana. Ficaram assim alguns instantes, até que ela sentiu os dedos úmidos, levantou sua cabeça e viu seus olhos rasos de água. Que era?

— Nada, disse ele; adeus.

— Mas que foi?!

— Tu o amas, tornou Evaristo, e esta **ideia** me apavora, ao mesmo tempo que me aflige, porque eu sou capaz de matá-lo, se tiver certeza de que ainda o amas.

— Você é um homem singular, falou de volta Mariana, depois de enxugar os olhos de Evaristo com os cabelos, que despenteara às pressas, para servi-lo com o melhor lenço do mundo. Que o

amo? Não, já não o amo, aí tens a resposta. Mas já agora deves permitir que te diga tudo, porque a minha índole não admite meias confidências.

Desta vez foi Evaristo que tremeu de leve; mas a curiosidade mordida seu coração de tal maneira que não houve mais temer, senão aguardar e escutar. Apoiado nos joelhos dela, ouviu a narração, que foi curta. Mariana falou sobre o casamento, a resistência do pai, a dor da mãe e a esperança dela e de Xavier.

Esperaram dez meses, firmes, ela já menos paciente que ele, porque a paixão que a tomou tinha toda a força necessária para as decisões violentas. Quantas lágrimas deixou cair por ele! Quantas maldições saíram do seu coração contra os pais e foram sufocadas por ela, que temia a Deus e não quisera que essas palavras, como armas mortais, a condenassem, pior que ao inferno, à eterna separação do homem a quem amava. Venceu a insistência, o tempo desarmou os velhos, e o casamento se fez, lá se iam sete anos. A paixão dos noivos prolongou-se na vida conjugal. Quando o tempo trouxe o sossego, trouxe também o sentimento de estima. Os corações eram harmônicos; as recordações da luta, profundas e doces. A felicidade serena veio sentar-se à porta deles, como uma sentinela. Mas bem depressa se foi a sentinela; não deixou a desgraça, nem ainda o tédio, mas uma falta de ânimo, uma figura pálida, sem movimento, que mal sorria e não lembrava nada.

Foi por esse tempo que Evaristo apareceu aos seus olhos e a tomou. Não a tomou de ninguém; mas por isso mesmo nada tinha que ver com o passado, que era um mistério e podia trazer lembranças amargas...

— Lembranças amargas?, interrompeu ele.

— Podias achar que eu as tinha; mas não as tenho, nem as terei jamais.

— Obrigado!, disse Evaristo após alguns momentos; agradeço a confissão. Não falarei mais de tal assunto. Não o amas, é o essencial. Que linda és tu quando juras assim e me falas do nosso futuro! Sim, acabou; agora estou aqui, ama-me!

— Só a ti, querido.

— Só a mim? Ainda uma vez, jura!

— Por estes olhos, respondeu ela, beijando seus olhos; por estes lábios, continuou, impondo um beijo nos seus lábios. Pela minha vida e pela tua!

Evaristo repetiu as mesmas fórmulas, com iguais cerimônias. Depois, sentou-se defronte de Mariana como estava no começo. Ela ergueu-se então, por sua vez, e foi ajoelhar-se aos seus pés, com os braços nos joelhos dele. Os cabelos caídos enquadravam tão bem o rosto que ele sentiu não ser um gênio para copiá-la e eternizá-la ao mundo. Disse-lhe isso, mas a moça não respondeu com palavra; tinha os olhos nele, implorando. Evaristo **inclinou-se**, cravando nela os seus olhos, e assim ficaram, rosto a rosto, uma, duas, três horas, até que alguém veio acordá-los:

— Faz favor de entrar.

### III

Evaristo teve um susto. Deu com um homem, o mesmo criado que recebera o seu cartão de visita. Levantou-se depressa; Mariana voltou para a tela, na parede, onde ele a viu outra vez, trajada à moda de 1865, penteada e **tranquila**. Como nos sonhos, os pensamentos, gestos e atos mediram-se por outro tempo, que não o tempo; fez-se tudo em cinco ou seis minutos, que foram os que o criado gastou para levar o cartão e trazer o convite. Entretanto, é certo que Evaristo sentia ainda a impressão das carícias da moça, vivera realmente entre 1869 e 1872, porque as três horas da visão foram ainda uma permissão do tempo. Toda a história ressurgira com os ciúmes que ele tinha de Xavier, os seus perdões e as ternuras um com o outro. Só faltou a crise final, quando a mãe de Mariana, sabendo de tudo, corajosamente se colocou entre os dois e os separou. Mariana resolveu morrer, chegou a ingerir veneno, e foi preciso o desespero da mãe para devolvê-la à vida. Xavier, que então estava na província do Rio, nada soube daquela tragédia, a não ser que a mulher tinha escapado da morte, por causa de uma troca de medicamentos.

Evaristo quis ainda vê-la antes de embarcar, mas foi impossível.

— Vamos, disse ele agora ao criado que o esperava.

Xavier estava no gabinete próximo, estirado em um sofá, com a mulher ao lado e algumas visitas. Evaristo entrou ali cheio de emoção. A luz era pouca, o silêncio grande; Mariana tinha

presa uma das mãos do enfermo, a observá-lo, com medo da morte ou de uma crise. Mal pôde levantar os olhos para Evaristo e estender-lhe a mão; voltou a fitar o marido, em cujo rosto havia a marca do longo sofrimento e cujo respirar parecia a parte inicial da grande ópera infinita. Evaristo, que apenas vira o rosto de Mariana, retirou-se a um canto, sem ousar mirar sua figura, nem acompanhar os seus movimentos. Chegou o médico, examinou o doente, recomendou as prescrições dadas e retirou-se para voltar de noite. Mariana foi com ele até a porta, interrogando baixo e procurando no seu rosto a verdade que a boca não queria dizer. Foi então que Evaristo a viu bem; a dor parecia afetá-la mais que os anos.

Reconheceu o jeito particular do seu corpo. Não descia da tela, como a outra, mas do tempo. Antes que ela tornasse ao leito do marido, Evaristo pensou em retirar-se também e foi até a porta.

— Peço-lhe licença... Sinto não poder falar agora a seu marido.

— Agora não pode ser; o médico recomenda repouso e silêncio. Será noutra ocasião...

— Não vim há mais tempo vê-lo porque só há pouco é que soube... E não cheguei há muito.

— Obrigada.

Evaristo estendeu-lhe a mão e saiu discretamente, enquanto ela voltava a sentar-se ao pé do doente.

Nem os olhos nem a mão de Mariana revelaram, em relação a ele, uma impressão qualquer, e a despedida se fez como entre pessoas indiferentes. Certo, o amor acabara, a data era distante, o coração envelhecera com o tempo, e o marido estava morrendo; mas, refletia ele, como explicar que, ao fim de dezoito anos de separação, Mariana visse diante de si, sem o menor abalo, espanto, constrangimento que fosse, um homem que tanta parte tivera em sua vida? Eis aí um mistério. Chamava-lhe mistério. Ainda agora, à despedida, ele tinha sentido um aperto, uma coisa, que fez sua palavra tropeçar, que tirou suas **ideias** e até as simples fórmulas banais de pesar e de esperança. Ela, entretanto, não recebeu dele a menor comoção. E, lembrando-se do retrato da sala, Evaristo concluiu que a arte era superior à natureza; a tela tinha guardado o corpo e a alma... Tudo isso borrifado de um amargo despeitozinho.

Xavier durou ainda uma semana. Indo fazer-lhe uma segunda



visita, Evaristo assistiu à morte do doente e não pôde deixar de sentir comoção natural do momento, do lugar e das circunstâncias. Mariana, desarrumada ao pé do leito, tinha os olhos mortos de cansaço e de lágrimas. Quando Xavier, depois de longa agonia, expirou, mal se ouviu o choro de alguns parentes e amigos; um grito muito agudo de Mariana chamou a atenção de todos; depois o desmaio e a queda da viúva. Durou alguns minutos a perda dos sentidos; voltando a si, Mariana correu ao cadáver, abraçou-se a ele, soluçando desesperadamente, dizendo-lhe os nomes mais queridos e ternos. Tinham esquecido de fechar os olhos ao cadáver; daí uma cena pavorosa e triste, porque ela, depois de os beijar muito, foi tomada de alucinação e gritou que ele ainda vivia, que estava salvo; e, por mais que quisessem arrancá-la dali, ela resistia, empurrava a todos, dizendo que queriam tirar dela o marido. Nova crise a abateu; foi levada às carreiras para outro quarto.

Quando o enterro saiu, no dia seguinte, Mariana não estava presente, por mais que insistisse em despedir-se; já não tinha forças para fazer sua vontade. Evaristo acompanhou o enterro. Seguindo o carro fúnebre, mal chegava a crer onde estava e o que fazia. No cemitério, falou a um dos parentes de Xavier, **confiando-lhe** a pena que tivera de Mariana.

— Vê-se que se amavam muito, concluiu.

— Ah!, muito, disse o parente. Casaram-se por paixão; não assisti ao casamento, porque só cheguei ao Rio de Janeiro muitos anos depois, em 1874; achei-os, porém, tão unidos como se fossem noivos e assisti até agora à vida de ambos. Viviam um para o outro; não sei se ela ficará muito tempo neste mundo.

“1874”, pensou Evaristo; “dois anos depois”.

Mariana não assistiu à missa do sétimo dia; um parente — o mesmo do cemitério — representava-a naquela triste ocasião. Evaristo soube por ele que o estado da viúva não permitia a ela arriscar-se à comemoração da catástrofe. Deixou passar alguns dias e foi fazer a sua visita de pêsames; mas, tendo dado o cartão, ouviu que ela não recebia ninguém. Foi então a São Paulo, voltou cinco ou seis semanas depois, preparou-se para embarcar; antes de partir, pensou ainda em visitar Mariana, não tanto por simples cortesia, mas para levar consigo a imagem — apodrecida, é verdade — daquela paixão de quatro anos.

Não a encontrou em casa. Voltava zangado, mal consigo,

achava-se desagradável e de mau gosto. A pouca distância, viu sair da igreja do Espírito Santo uma senhora de luto, que lhe pareceu Mariana. Era Mariana; vinha a pé; ao passar pela carruagem, olhou para ele, fez que não o conhecia e foi andando, de modo que o cumprimento de Evaristo ficou sem resposta. Este ainda quis mandar parar o carro e despedir-se dela, ali mesmo, na rua, um minuto, três palavras; como, porém, hesitasse na resolução, só parou quando já havia passado a igreja, e Mariana ia um grande pedaço adiante. Desceu da carruagem e andou de volta o caminho; mas, fosse respeito ou despeito, mudou de **ideia**, meteu-se no carro e partiu.

— Três vezes sincera, concluiu, passados alguns minutos de reflexão.

Antes de um mês estava em Paris. Não esquecera a comédia do amigo, a cuja primeira representação no Odéon ficara de assistir. Correu para saber dela; tinha saído de cartaz.

— Coisas de teatro, disse Evaristo ao autor, para consolá-lo. Há peças que caem. Há outras que ficam no repertório.



## Conto de escola

A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia — uma segunda-feira, do mês de maio — fiquei alguns instantes na Rua da Princesa para ver onde brincaria a manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant’Ana, que não era então esse parque atual, construção elegante, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, repleto de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tirei duas folgas e, descoberto o caso, recebi a lição das mãos de meu pai, que me deu uma surra de vara de marmeleiro. As surras de meu pai doíam por muito tempo. Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, grosseiro e duro. Sonhava para mim uma grande posição comercial e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me fazer caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado no balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de boas qualidades.

Subi a escada com cuidado, para não ser ouvido pelo mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso de sempre, em chinelas couro, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de **cinquenta** anos ou mais. Uma vez sentado, tirou da jaqueta o pacote de rapé e o lenço vermelho, colocou-os na gaveta; depois passou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de

pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos.

— Seu Pilar, eu preciso falar com você, disse-me baixinho o filho do mestre.

Chamava-se Raimundo este pequeno e era mole, aplicado, inteligência atrasada. Raimundo gastava duas horas em decorar aquilo que a outros levava apenas trinta ou **cinquenta** minutos; vencia com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

— O que é que você quer?

— Logo, respondeu ele com voz trêmula.

Começou a lição de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por uma questão de consciência fácil de entender e de excelente efeito no estilo do texto, mas não tenho outra certeza. Note-se que não era pálido nem fracote: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas ficava recortando narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênuo.

Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei, comecei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recorro a interrogativa, a admirativa, a de dúvida e a de meditação. Não colocava esses nomes, pobre estudante de primeiras letras que era; mas, instintivamente, dava-lhes essas expressões. Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escrita e voltar para o meu lugar.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, queria andar lá fora e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos desocupados, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi, através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso por uma corda imensa, que flutuava no ar, uma coisa sem igual. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

— Fui um bobo em vir, disse eu ao Raimundo.

— Não diga isso, murmurou ele.

Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrei-me outra vez que queria me pedir alguma coisa e perguntei-lhe o que era. Raimundo deu um novo suspiro e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era uma coisa particular.

— Seu Pilar..., murmurou ele daí a alguns minutos.

— Que é?

— Você...

— Você o quê?

Ele olhou o pai e depois a alguns outros meninos. Um destes, o Curvelo, olhava para ele, desconfiado, e o Raimundo, fazendo-me notar isso, pediu alguns minutos mais de espera.

Confesso que começava a arder de curiosidade. Olhei para o Curvelo e vi que parecia atento; podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma coisa entre eles. Esse Curvelo era um pouco danado. Tinha onze anos, era mais velho que nós.

Que queria de mim o Raimundo? Continuei inquieto, remexendo-me muito, falando-lhe baixo, a toda hora, que me dissesse o que era, que ninguém prestava atenção nele nem em mim. Ou então, de tarde...

— De tarde, não, interrompeu ele; não pode ser de tarde.

— Então agora...

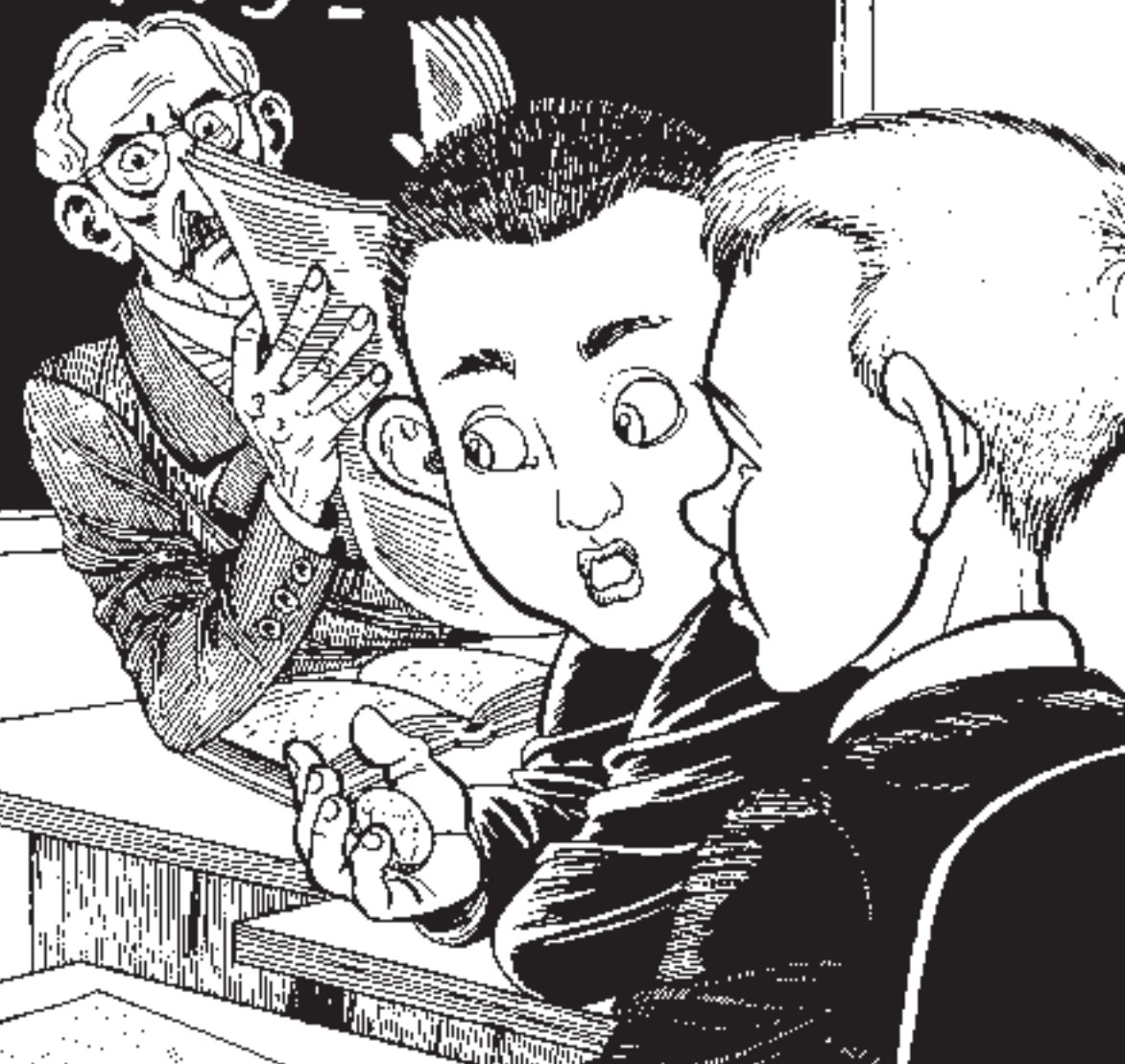
— Papai está olhando.

Na verdade, o mestre nos fitava. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para aperreá-lo mais. Mas nós também éramos espertos; metemos o nariz no livro e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou os noticiários do dia, três ou quatro folhas, que ele lia devagar, mastigando as **ideias** e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência<sup>1</sup> e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha com certeza algum partido, mas nunca pude verificar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória<sup>2</sup>. E essa lá estava, pendurada no portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, pegá-la e erguê-la, com a força de sempre, que não era pouca. E daí, pode ser que algumas vezes as paixões

<sup>1</sup> Período no qual o Brasil foi governado por uma regência, devido ao fato de D. Pedro II ainda não possuir a maioria.

<sup>2</sup> Objeto, geralmente uma tábua de madeira, com que os professores castigavam os alunos.

$$46 \times 8 =$$
$$27 \div 9 =$$



políticas o dominassem a ponto de poupar-nos uma ou outra correção. Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de vez em quando, mas tornava logo aos jornais e lia a valer.

No fim de algum tempo — dez ou doze minutos —, Raimundo meteu a mão no bolso das calças e olhou para mim.

— Sabe o que tenho aqui?

— Não.

— Uma pratinha que mamãe me deu.

— Hoje?

— Não, no outro dia, quando fiz anos...

— Pratinha de verdade?

— De verdade.

Tirou-a devagar e mostrou-me de longe. Era uma moeda do tempo do rei, acho que doze vinténs ou dois tostões<sup>3</sup>, não me lembro; mas era uma moeda, e tal moeda que me fez pular o sangue no coração.

Raimundo passou em mim o olhar pálido; depois **perguntou-me** se a queria para mim. Respondi-lhe que estava zombando, mas ele jurou que não.

— Mas então você fica sem ela?

— Mamãe depois me arranja outra. Ela tem muitas que vovô lhe deixou, numa caixinha; algumas são de ouro. Você quer esta?

Minha resposta foi estender a mão disfarçadamente para ele, depois de olhar para a mesa do mestre. Raimundo recuou a mão dele e fez com a boca um gesto amarelo, de que queria sorrir. Em seguida propôs-me um negócio, uma troca de serviços; ele me daria a moeda, eu lhe explicaria um ponto da lição de sintaxe. Não conseguira decorar nada do livro e estava com medo do pai. E concluía a proposta esfregando a pratinha nos joelhos...

Tive uma sensação esquisita. Não é que eu tivesse uma **ideia** da virtude própria de um homem; não é também que fosse difícil empregar uma ou outra mentira de criança. Sabíamos ambos enganar o mestre. A novidade estava nos termos da proposta, na troca de lição e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, dá cá; tal foi a causa da sensação. Fiquei olhando para ele, à toa, sem poder dizer nada.

Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o

<sup>3</sup> Vintém era uma antiga moeda brasileira. Tostão era a soma de 100 réis.

Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai. Se tivesse me pedido a coisa por favor, iria alcançá-la do mesmo modo, como de outras vezes, mas parece que era lembrança das outras vezes, o medo de achar a minha vontade frouxa ou cansada e não aprender como queria — e pode ser mesmo que em alguma ocasião eu tivesse lhe ensinado mal —; parece que tal foi a causa da proposta. O pobre-diabo contava com o favor, mas queria garantir a qualidade desse favor e daí recorreu à moeda que a mãe lhe dera e que ele guardava como coisa rara ou brinquedo; pegou-a e veio esfregá-la nos joelhos, à minha vista, como uma tentação... Realmente, era bonita, fina, branca, muito branca; e, para mim, que só trazia cobre no bolso, quando trazia alguma coisa, um cobre feio, grosso, gasto...

Não queria recebê-la e era difícil, para mim, recusá-la. Olhei para o mestre, que continuava lendo, com tal interesse, que pingava rapé do seu nariz. “Ande, tome”, dizia baixinho para mim o filho. E a pratinha fuzilava entre os dedos, como se fosse diamante... Na verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia? E ele não podia ver nada, estava agarrado aos jornais, lendo com fogo, com dedicação...

— Tome, tome...

Passei rapidamente os olhos pela sala e dei com os do Curvelo em nós; disse ao Raimundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos observava, então disfarcei; mas daí a pouco coloquei outra vez o olho nele e — como a vontade se ilude! — não vi mais nada. Então recuperei o ânimo.

— Dê aqui...

Raimundo deu-me a pratinha, disfarçadamente; eu meti-a no bolso das calças, com um alvoroço que não posso definir. Estava ela comigo, pegadinha à perna. Restava prestar o serviço, ensinar a lição e não demorei em fazê-lo, nem o fiz mal, ao menos conscientemente; passava-lhe a explicação em um retalho de papel que ele recebeu com cuidado e cheio de atenção. Sentia-se que fazia um esforço cinco ou seis vezes maior para aprender uma bobagem; mas, contanto que ele escapasse ao castigo, tudo iria bem.

De repente, olhei para o Curvelo e tremi; tinha os olhos em nós, com um riso que me pareceu mau.

Disfarcei; mas, daí a pouco, voltando-me outra vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, só que remexendo-se no banco, impaciente. Sorri para ele e ele não sorriu; ao contrário, franziu a testa, o que lhe deu um aspecto ameaçador. Meu coração bateu muito.

— Precisamos de muito cuidado, disse eu ao Raimundo.

— Diga-me só isso, murmurou ele.

Fiz-lhe sinal que se calasse; mas ele insistia, e a moeda, no bolso, lembrava-me o contrato feito.

Ensinei-lhe o que era, disfarçando muito; depois, tornei a olhar para o Curvelo, que me pareceu ainda mais inquieto, e o riso, dantes mau, estava agora pior. Não é preciso dizer que eu também tinha ficado em brasas, ansioso que a aula acabasse; mas nem o relógio andava como das outras vezes, nem o mestre fazia caso da escola; este lia os jornais, artigo por artigo, **pontuando-os** com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa. E lá fora, no céu azul, por cima do morro, o mesmo eterno papagaio, voando de um lado e outro, como se me chamasse para ele. Imaginei-me ali, com os livros e a pedra embaixo da mangueira, e a pratinha no bolso das calças, que eu não daria a ninguém, nem que me serrassem; iria guardá-la em casa, dizendo a mamãe que a tinha achado na rua. Para que me não fugisse, ia apalpando-a, roçando os dedos nela, quase lendo pelo tato a inscrição, com uma grande vontade de espia-la.

— Oh!, seu Pilar!, disse o mestre com voz de trovão.

Agitei-me como se acordasse de um sonho e levantei-me às pressas. Encontrei o mestre, olhando para mim, cara fechada, jornais espalhados, e, ao pé da mesa, em pé, o Curvelo. Pareci adivinhar tudo.

— Venha cá!, disse o mestre.

Fui e parei diante dele. Ele enterrou pela minha consciência adentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu, apesar de não tirar os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.

— Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros?, disse-me o Policarpo.

— Eu...

— Dê aqui a moeda que este seu colega lhe deu!, ordenou.

Não obedeci logo, mas não pude negar nada. Continuei tre-

mendo muito. Policarpo disse de novo que lhe desse a moeda, e eu não resisti mais, meti a mão no bolso, vagorosamente, saquei-a e entreguei. Ele examinou-a de um e outro lado, bufando de raiva; depois estendeu o braço e atirou-a à rua. E então disse-nos uma porção de coisas duras, que tanto o filho como eu acabávamos de praticar uma ação feia, desonrosa, baixa, uma ofensa, e para emenda e exemplo íamos ser castigados.

Aqui pegou da palmatória.

— Perdão, seu mestre... soluzei eu.

— Não há perdão! Dê aqui a mão! Dê aqui! Vamos! **Sem-vergonha!** Dê aqui a mão!

— Mas, seu mestre...

— Olhe que é pior!

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma coisa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. **Chamou-nos** sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio apanharíamos um castigo que iríamos lembrar para todo o sempre. E exclamava: “Porcalhões! Pilantras! Sem-vergonhas!”.

Eu, por mim, tinha a cara no chão. Não ousava fitar ninguém, sentia todos os olhos em nós. Recolhi-me ao banco, soluçando, castigado pelas ofensas do mestre. Na sala respirava o terror; posso dizer que naquele dia ninguém faria igual negócio. Creio que o próprio Curvelo tinha medo. Não olhei logo para ele, dentro de mim jurava quebrar sua cara, na rua, logo que saíssemos, tão certo como três e dois são cinco.

Daí a algum tempo olhei para ele; ele também olhava para mim, mas desviou a cara, e acho que empalideceu. Ajeitou-se e entrou a ler em voz alta; estava com medo. Começou a variar de atitude, agitando-se à toa, coçando os joelhos, o nariz. Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, por que nos denunciar? Tirávamos alguma coisa dele?

“Tu me pagas! Tão duro como osso!”, dizia eu comigo.

Veio a hora de sair, e saímos; ele foi adiante, apressado, e eu não queria brigar ali mesmo, na Rua do Costa, perto do colégio; tinha de ser na Rua larga São Joaquim. Quando, porém, cheguei à esquina, já não o vi; provavelmente tinha se escondido em algum



corredor ou loja; entrei numa farmácia, espiei em outras casas, perguntei por ele a algumas pessoas, ninguém me deu notícia. De tarde faltou à escola.

Em casa não contei nada, é claro; mas, para explicar as mãos inchadas, menti a minha mãe, disse-lhe que não tinha sabido a lição. Dormi nessa noite mandando ao diabo os dois meninos, tanto o da denúncia como o da moeda. E sonhei com a moeda; sonhei que, ao tornar à escola, no dia seguinte, achara-a na rua e a apanhara, sem medo nem vergonha...

De manhã, acordei cedo. A ideia de ir procurar a moeda me fez vestir depressa. O dia estava esplêndido, um dia de maio, sol magnífico, ar leve, sem contar as calças novas que minha mãe me deu, por sinal que eram amarelas. Tudo isso, e a pratinha... Saí de casa, como se fosse subir ao trono de Jerusalém.

Apressei o passo para que ninguém chegasse antes de mim à escola; ainda assim não andei tão depressa que amassasse as calças. Não, que elas eram bonitas! Mirava-as, fugia aos encontros, ao lixo da rua...

Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor à frente, rufando. Não podia ouvir isso quieto. Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim e foram andando. Eu senti um formigamento nos pés e tive impulso de ir atrás deles. Já lhes disse: o dia estava lindo, e depois o tambor... Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, comecei a marchar também ao som do rufo, creio que cantarolando alguma coisa: Rato na casaca...<sup>4</sup>

Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E contudo a pratinha era bonita, e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor...

---

<sup>4</sup> “Rato na casaca, camundongo no chapéu!”, antiga marcha.

## O diplomático

A escrava entrou na sala de jantar, chegou-se à mesa rodeada de gente e falou baixinho à senhora. Parece que lhe pedia alguma coisa urgente, porque a senhora levantou-se logo.

— Ficamos esperando, D. Adelaide?

— Não espere, não, Sr. Rangel; vá continuando, eu entro depois.

Rangel era o leitor do livro de sortes. Voltou a página e recitou um título: “Se alguém lhe ama em segredo”. Movimento geral; moças e rapazes sorriram uns para os outros. Estamos na noite de São João de 1854, e a casa é na rua das Mangueiras. Chama-se João o dono da casa, João Viegas, e tem uma filha, Joaquina. Usa-se a mesma reunião de parentes e amigos todos os anos, arde uma fogueira no quintal, assam-se as batatas e tiram-se sortes. Também há ceia, às vezes dança, e algum jogo de prendas, tudo familiar. João Viegas é escrivão de uma vara cível da Corte.

— Vamos. Quem começa agora?, disse ele. Tem de ser D. Felismina. Vamos ver se alguém a ama em segredo.

D. Felismina sorriu amarelo. Era uma boa quarentona, sem beleza nem riqueza, que vivia espiando um marido por baixo das pálpebras devotas. Na verdade, a piada era dura, mas natural. D. Felismina era o modelo acabado daquelas criaturas bondosas e mansas, que parecem ter nascido para divertir os outros.

Pegou e lançou os dados com uma gentileza de quem não acredita. Número dez, disseram duas vezes.

Rangel desceu os olhos para baixo da página, viu a quadra correspondente ao número e leu-a: dizia que sim, que havia uma pessoa, que ela devia procurar domingo, na igreja, quando fosse



à missa. Toda a mesa deu parabéns a D. Felismina, que sorriu com desdém, mas interiormente esperançada.

Outros pegaram nos dados, e Rangel continuou a ler a sorte de cada um. Lia de maneira animada. De vez em quando, tirava os óculos e limpava-os vagarosamente na ponta do lenço de cambraia — ou por ser cambraia, ou por exalar um fino cheiro de flor. Agia de grande maneira, e ali chamavam-lhe “o diplomático”.

— Ande, seu diplomático, continue.

Rangel agitou-se; esquecera-se de ler uma sorte, distraído com a fila de moças que ficava do outro lado da mesa. Namorava alguma? Vamos por partes.

Era solteiro, devido às circunstâncias, não à vocação. Em rapaz teve alguns namoricos de esquina, mas com o tempo apareceu nele a tentação das grandezas, e foi isso que prolongou sua condição de solteiro até os quarenta e um anos, em que o vemos. Cobiçava alguma noiva superior a ele e, na roda em que vivia, gastou o tempo em esperá-la. Chegou a **frequentar** os bailes de um advogado famoso e rico, para quem copiava papéis, e que o protegia muito. Tinha nos bailes a mesma posição subalterna do escritório; passava a noite vagando pelos corredores, espiando o salão, vendo passar as senhoras, devorando com os olhos uma multidão de ombros magníficos e figuras graciosas. Invejava os homens e copiava-os. Saía dali agitado e decidido. Na falta de bailes, ia às festas de igreja, onde poderia ver algumas das primeiras moças da cidade. Também era certo no saguão do Paço Imperial, em dia de cortejo, para ver entrar as grandes damas e as pessoas da corte, ministros, generais, diplomatas, desembargadores, e conhecia tudo e todos, pessoas e carruagens. Voltava da festa e do cortejo como voltava do baile, exaltado, ardente, capaz de pegar em um lance a palma da fortuna.

O pior é que entre a espiga e a mão há o tal muro do poeta<sup>1</sup>, e o Rangel não era homem de saltar muros. De imaginação fazia tudo, raptava mulheres e destruía cidades. Mais de uma vez foi, consigo mesmo, ministro de Estado e se viu cheio de cortesias e decretos. Chegou ao extremo de aclamar-se imperador, um dia, 2 de dezembro, ao voltar da parada no largo do Paço; imaginou para isso uma revolução, em que derramou algum sangue, pouco, e uma ditadura benéfica, em que apenas vingou alguns pequenos

---

<sup>1</sup> Antigo ditado popular: “Entre a espiga e a mão, há o muro do poeta”.

desgostos de escrevente. Aqui fora, porém, todas as suas proezas eram fábulas. Na realidade, era calmo e discreto.

Aos quarenta anos desistiu das ambições; mas o espírito ficou o mesmo, e, apesar da vocação conjugal, não achou noiva. Mais de uma o aceitaria com muito prazer; ele perdia-as todas, por causa do critério. Um dia, reparou em Joaninha, que chegava aos dezenove anos e possuía um par de olhos lindos e sossegados — virgens de toda a conversa masculina. Rangel conhecia-a desde criança, andara com ela ao colo, no Passeio Público, ou nas noites de fogos da Lapa; como falar de amor a ela? Mas, por outro lado, as relações dele na casa eram tais que podiam facilitar seu casamento; e, ou este, ou nenhum outro.

Desta vez, o muro não era alto, e a espiga era baixinha; bastava esticar o braço com algum esforço, para arrancá-la do pé. Rangel andava neste trabalho desde alguns meses. Não esticava o braço, sem espiar primeiro para todos os lados, a ver se vinha alguém, e, se vinha alguém, disfarçava e ia embora.

Quando chegava a esticá-lo, acontecia que um vento afastava a espiga ou algum passarinho andava ali nas folhas secas, e não era preciso mais para que ele recolhesse a mão. Ia-se assim o tempo, e a paixão se aprofundava nele, causa de muitas horas de angústia, a que seguiam sempre melhores esperanças.

Agora mesmo ele traz a primeira carta de amor, disposto a entregá-la. Já teve duas ou três ocasiões boas, mas vai sempre deixando para depois; a noite é tão comprida! Entretanto, continua lendo as sortes, com a solenidade de um sacerdote.

Tudo, em volta, é alegre. Cochicham ou riem, ou falam ao mesmo tempo. O tio Rufino, que é o gaiato da família, anda rodeando da mesa com uma pena, fazendo cócegas nas orelhas das moças. João Viegas está ansioso por um amigo, que demora, o Calisto. Onde se meteria o Calisto?

— Rua, rua, preciso da mesa; vamos para a sala de visitas.

Era D. Adelaide que tornava; ia pôr-se a mesa para a ceia. Toda a gente saiu, e andando é que se podia ver bem como era graciosa a filha do escrivão. Rangel acompanhou-a com grandes olhos namorados. Ela foi à janela, por alguns instantes, enquanto se preparava um jogo de prendas, e ele foi também; era a ocasião de entregar-lhe a carta.

Defronte, numa casa grande, havia um baile, e dançava-se. Ela olhava, ele olhou também. Pelas janelas viam passar os

pares, cadenciados, as senhoras com as suas sedas e rendas, os cavalheiros finos e elegantes, alguns condecorados. De vez em quando, uma faísca de diamantes, rápida, cintilava, no giro da dança. Pares que conversavam, dragonas<sup>2</sup> que brilhavam, bustos de homem inclinados, gestos de leques, tudo isso em pedaços, através das janelas, que não podiam mostrar todo o salão, mas adivinhava-se o resto. Ele ao menos conhecia tudo e dizia tudo à filha do escrivão. O demônio das grandezas, que parecia dormir, começou a fazer as suas traquinagens no coração do nosso homem, e aí está ele que tenta seduzir também o coração da outra.

— Conheço uma pessoa que estaria ali muito bem, murmurou Rangel.

E Joaninha, com ingenuidade:

— Era o senhor.

Rangel sorriu lisonjeado, e não achou que dizer. Olhou para os empregados e condutores de carruagens, na rua conversando em grupos ou reclinados nos carros. Começou a falar dos carros: este é do Olinda, aquele é do Maranguape; mas aí vem outro, rodando, do lado da rua da Lapa, e entra na rua das Mangueiras. Parou defronte: salta o empregado, abre a portinhola, tira o chapéu e se coloca de lado. Sai de dentro uma calva, uma cabeça, um homem, duas medalhas, depois uma senhora ricamente vestida; entram no saguão e sobem a escadaria, forrada de tapete e enfeitada embaixo com dois grandes vasos.

— Joaninha, Sr. Rangel...

Maldito jogo de prendas! Justamente quando ele formulava, na cabeça, uma insinuação a propósito do casal que subia e ia assim passar naturalmente a carta... Rangel obedeceu e **sentou-se** defronte da moça. D. Adelaide, que dirigia o jogo de prendas, recolhia os nomes; cada pessoa devia ser uma flor.

Está claro que o tio Rufino, sempre gaiato, escolheu para si a flor da abóbora. Quanto ao Rangel, querendo fugir ao trivial, comparou mentalmente as flores e, quando a dona da casa lhe perguntou pela dele, respondeu com doçura e pausa:

— Maravilha, minha senhora.

— O pior é não estar aqui o Calisto!, suspirou o escrivão.

— Ele disse mesmo que vinha?

— Disse; ainda ontem foi ao cartório, de propósito, **avisar-**

---

<sup>2</sup> Parte da roupa de gala do militar que fica nos ombros, geralmente feita de material metálico.

**-me** de que viria tarde, mas que contasse com ele: tinha de ir a uma brincadeira na rua da Carioca...

— Licença para dois!, disse uma voz no corredor.

— Ora graças! Está aí o homem!

João Viegas foi abrir a porta; era o Calisto, acompanhado de um rapaz estranho, que ele apresentou a todos em geral: “Queirós, empregado na Santa Casa; não é meu parente, apesar de se parecer muito comigo; quem vê um, vê outro...”. Toda a gente riu; era uma graça do Calisto, feio como o diabo — ao passo que o Queirós era um bonito rapaz de vinte e seis a vinte e sete anos, cabelo negro, olhos negros e singularmente elegante. As moças retraíram-se um pouco; D. Felismina abriu todas as velas.

— Estávamos jogando prendas, os senhores podem entrar também, disse a dona da casa. Joga, Sr. Queirós?

Queirós respondeu afirmativamente e passou a examinar as outras pessoas. Conhecia algumas e trocou duas ou três palavras com elas. Ao João Viegas disse que desde muito tempo desejava conhecê-lo, por causa de um favor que o pai lhe deveu outrora, negócio de foro. João Viegas não se lembrava de nada, nem ainda depois que ele lhe disse o que era; mas gostou de ouvir a notícia, em público, olhou para todos, e durante alguns minutos aproveitou o momento calado.

Queirós entrou em cheio no jogo. No fim de meia hora, estava familiar da casa. Todo ele era ação, falava com desembaraço, tinha os gestos naturais e espontâneos. Possuía um vasto repertório de castigos para jogo de prendas, coisa que encantou a toda a sociedade, e ninguém os dirigia melhor, com tanto movimento e animação, indo de um lado para outro, guiando os grupos, puxando cadeiras, falando às moças, como se houvesse brincado com elas em criança.

— D. Joanhina aqui, nesta cadeira; D. Cesária, deste lado, em pé, e o Sr. Camilo entra por aquela porta... Assim, não: olhe, assim de maneira que...

Duro na cadeira, o Rangel estava sem reação. Donde vinha esse furacão? E o furacão ia soprando, levando os chapéus dos homens e despenteando as moças, que riam de contentes: Queirós daqui, Queirós dali, Queirós de todos os lados. Rangel passou da surpresa à mortificação. Era o reinado que saía das suas mãos. Não olhava para o outro, não ria do que ele dizia e respondia-lhe seco. Interiormente, mordida-se e mandava-o ao diabo, chamava-o

bobo alegre, que fazia rir e agradava, porque nas noites de festa tudo é festa. Mas, repetindo essas e piores coisas, não chegava a ter de volta a liberdade de espírito. Sofria um bocado, no mais íntimo do amor-próprio; e o pior é que o outro percebeu toda essa agitação, e o péssimo é que ele percebeu que era percebido.

Rangel, assim como sonhava com bens, sonhava também com vinganças. De cabeça, espatifou o Queirós; depois cogitou a possibilidade de um desastre qualquer, uma dor bastava, mas coisa forte, que levasse dali aquele intruso. Nenhuma dor, nada; o diabo parecia cada vez mais esperto, e toda a sala fascinada por ele.

A própria Joaninha, tão acanhada, vibrava nas mãos de Queirós, como as outras moças; e todos, homens e mulheres, pareciam empenhados em servi-lo. Tendo ele falado em dançar, as moças foram falar com o tio Rufino e pediram que tocasse uma quadrilha na flauta, uma só, não se pedia mais.

— Não posso, estou com um calo.

— Flauta?, disse o Calisto. Peçam ao Queirós que nos toque alguma coisa e verão o que é flauta... Vai buscar a flauta, Rufino. Ouçam o Queirós. Não imaginam como ele é bom na flauta!

Queirós tocou a *Casta Diva*<sup>3</sup>. “Que coisa ridícula!”, dizia consigo o Rangel; “uma música que até os moleques assobiam na rua”. Olhava para ele, com o canto dos olhos, para considerar se aquilo era posição de homem sério; e concluía que a flauta era um instrumento grotesco.

Olhou também para Joaninha e viu que, como todas as outras pessoas, tinha a atenção no Queirós, tomada, namorada dos sons da música, e agitou-se, sem saber por quê. Os demais mostravam a mesma expressão dela, e, contudo, sentiu alguma coisa que lhe complicou a aversão ao intruso. Quando a flauta acabou, Joaninha aplaudiu menos que os outros, e Rangel entrou em dúvida se era o habitual acanhamento, se alguma emoção especial... Tinha de entregar-lhe a carta.

Chegou a ceia. Toda a gente entrou confusamente na sala, e, felizmente para o Rangel, coube a ele ficar defronte de Joaninha, cujos olhos estavam mais belos que nunca e tão derramados que não pareciam os de sempre. Rangel saboreou-os calado e reconstruiu todo o seu sonho que o diabo do Queirós tinha abalado.

<sup>3</sup>*Casta Diva* é um dos movimentos da ópera *Norma*, do compositor siciliano Vincenzo Bellini (1801-1835).



Foi assim que tornou a ver-se, ao lado dela, na casa que ia alugar, berço de noivos, que ele enfeitou com os ouros da imaginação. Chegou a tirar um prêmio na loteria e a empregá-lo todo em sedas e joias para a mulher, a linda Joaninha — Joaninha Rangel — D. Joaninha Rangel — D. Joana Viegas Rangel — ou D. Joana Cândida Viegas Rangel... Não podia tirar o Cândida...

— Vamos, um brinde, seu diplomático... faça um brinde daqueles...

Rangel acordou; a mesa inteira repetia a lembrança do tio Rufino; a própria Joaninha pedia-lhe um brinde, como o do ano passado. Rangel respondeu que ia obedecer; era só acabar aquela asa de galinha.

Movimento, cochichos de louvor; D. Adelaide, falando a uma moça que dissera nunca ter ouvido o Rangel falar:

— Não?, perguntou com espanto. Não imagina; fala muito bem, muito explicado, palavras escolhidas, e uns bonitos modos...

Comendo, ele ia se lembrando de algumas palavras, frangalhos de ideias, que lhe serviam para o arranjo das frases e metáforas. Acabou e pôs-se de pé. Tinha o ar satisfeito e cheio de si. Afinal, vinham bater a sua porta. Tinham parado as piadas, as gracinhas, e vinham ter com ele para ouvir alguma coisa correta e séria. Olhou ao redor, viu todos os olhos levantados, esperando. Todos não; os de Joaninha iam na direção do Queirós, e os deste vinham esperá-los a meio caminho, numa cavalgada de promessas. Rangel empalideceu. A palavra morreu na sua garganta; mas era preciso falar, esperavam por ele, com simpatia, em silêncio.

Obedeceu mal. Era justamente um brinde ao dono da casa e à filha. Chamava a esta um pensamento de Deus, transportado da imortalidade à realidade, frase que empregara três anos antes e devia estar esquecida. Falava também do santuário da família, do altar da amizade e da gratidão, que é a flor dos corações puros. Onde não havia sentido, a frase era mais enfeitada ou retumbante. Ao todo, um brinde de dez minutos bem puxados, que ele despachou em cinco e sentou-se.

Não era tudo. Queirós levantou-se logo, dois ou três minutos depois, para outro brinde, e o silêncio foi ainda mais pronto e completo. Joaninha meteu os olhos no colo, vexada do que ele iria dizer; Rangel teve um arrepio.

— O ilustre amigo desta casa, o Sr. Rangel — disse Queirós — bebeu às duas pessoas cujo nome é o do santo de hoje; eu bebo

àquela que é a santa de todos os dias, a D. Adelaide.

Grandes aplausos aclamaram esta lembrança, e D. Adelaide, lisonjeada, recebeu os cumprimentos de cada convidado. A filha não ficou em cumprimentos. “Mamãe! Mamãe!”, exclamou, levantando-se; e foi abraçá-la e beijá-la três e quatro vezes.

Rangel passou da ira ao desânimo, e, acabada a ceia, pensou em retirar-se. Mas a esperança, demônio de olhos verdes, pediu-lhe que ficasse, e ficou. Quem sabe? Era tudo passageiro, coisas de uma noite, namoro de São João; afinal, ele era amigo da casa e tinha a estima da família; bastava que pedisse a moça para obtê-la. E depois esse Queirós podia não ter meios de casar. Que emprego era o dele na Santa Casa? Talvez alguma coisa reles... Nisto, olhou para a roupa de Queirós, analisou as costuras, o bordadinho da camisa, apalpou os joelhos das calças, para ver seu uso, e os sapatos e concluiu que era um rapaz arrumado, mas provavelmente gastava tudo consigo, e casar era negócio sério. Podia ser também que tivesse mãe viúva, irmãs solteiras... Rangel era só.

— Tio Rufino, toque uma quadrilha.

— Não posso; flauta depois de comer faz indigestão. Vamos jogar bingo.

Rangel declarou que não podia jogar, estava com dor de cabeça: mas Joaninha veio a ele e pediu-lhe que jogasse com ela, de sociedade. “Meia coleção para o senhor, e meia para mim”, disse ela, sorrindo; ele sorriu também e aceitou. Sentaram-se ao pé um do outro. Joaninha falava-lhe, ria, levantava para ele os belos olhos, inquieta, mexendo muito a cabeça para todos os lados. Rangel sentiu-se melhor e não tardou que se sentisse inteiramente bem. Ia marcando à toa, esquecendo alguns números, que ela lhe apontava com o dedo — um dedo de ninfa, dizia ele, consigo. E os descuidos passaram a ser de propósito, para ver o dedo da moça e ouvi-la reclamar: “O senhor é muito esquecido; olhe que assim perdemos o nosso dinheiro...”.

Rangel pensou em lhe entregar a carta por baixo da mesa; mas não estando declarados, era natural que ela a recebesse com espanto e estragasse tudo; era melhor avisá-la. Olhou em volta da mesa: todos os rostos estavam inclinados sobre os cartões, seguindo atentamente os números. Então, ele se inclinou à direita e baixou os olhos aos cartões de Joaninha, como para verificar alguma coisa.

— Já tem duas quadras, cochichou ele.



SCHLOSSER

A Cartomante e Outros Contos

---

- Duas, não; tenho três.
- Três, é verdade, três. Escute...
- E o senhor?
- Eu, duas.
- Que duas o quê? São quatro.

Eram quatro; ela as mostrou inclinada, roçando quase a orelha pelos lábios dele; depois, fitou-o rindo e abanando a cabeça: “O senhor! O senhor...!”. Rangel ouviu isso com prazer sem igual; a voz era tão doce e a expressão tão amiga que ele esqueceu tudo, agarrou-a pela cintura e lançou-se com ela na eterna valsa das quimeras. Casa, mesa, convidados, tudo desapareceu, como obra inútil da imaginação, para só ficar a realidade única, ele e ela, girando no espaço, debaixo de um milhão de estrelas, acesas de propósito para alumia-los.

Nem carta, nem nada. Perto da manhã, foram todos para a janela ver sair os convidados do baile fronteiro.

Rangel recuou espantado. Viu um aperto de dedos entre o Queirós e a bela Joanhinha. Quis explicá-lo, eram aparências, mas tão depressa destruía uma como vinham outras e outras, à maneira das ondas que não acabam mais. Custava-lhe entender que uma só noite, algumas horas bastassem para ligar assim duas criaturas; mas era a verdade clara e viva dos modos de ambos, dos olhos, das palavras, dos risos e até da saudade com que se despediram de manhã.

Saiu tonto. Uma só noite, algumas horas apenas! Em casa, aonde chegou tarde, deitou-se na cama, não para dormir, mas para romper em soluços. Só, foi-se o motivo da sua artificialidade, e já não era o diplomático, era o imbecil, que rolava na casa, reclamando, chorando como uma criança, infeliz, por esse triste amor do outono. O pobre-diabo, feito de sonhos, moleza e presunção, era, em substância, tão desgraçado como Otelo<sup>4</sup>, e teve um desfecho mais cruel.

Otelo mata Desdêmona; o nosso namorado, em quem ninguém pressentira nunca a paixão encoberta, serviu de testemunha ao Queirós, quando este se casou com Joanhinha, seis meses depois.

Nem os acontecimentos, nem os anos mudaram seu espírito. Quando rompeu a guerra do Paraguai, teve **ideia** muitas vezes de alistar-se como oficial de voluntários; não o fez nunca; mas é certo que ganhou algumas batalhas e acabou brigadeiro.

---

<sup>4</sup> Personagem de uma obra de Shakespeare.

## D. Paula

Não era possível chegar na hora mais exata. D. Paula entrou na sala no momento em que a sobrinha enxugava os olhos cansados de chorar. Compreende-se o assombro da tia. E pode-se entender também o da sobrinha, sabendo que D. Paula vive no alto da Tijuca, donde raras vezes desce; a última foi pelo Natal passado, e estamos em maio de 1882. Desceu ontem, à tarde, e foi para casa da irmã, Rua do Lavradio. Hoje, assim que almoçou, vestiu-se e correu a visitar a sobrinha. A primeira escrava que a viu quis ir avisar a senhora, mas D. Paula ordenou-lhe que não e foi pé ante pé, muito devagar, para impedir o rumor das saias, abriu a porta da sala de visitas e entrou.

— Que é isto?, exclamou.

Venancinha atirou-se aos seus braços, as lágrimas vieram de novo. A tia beijou-a muito, abraçou-a, disse-lhe palavras de conforto e pediu que lhe contasse o que era, se alguma doença, ou...

— Antes fosse uma doença! Antes fosse a morte!, interrompeu a moça.

— Não digas tolices; mas que foi? Anda, que foi?

Venancinha enxugou os olhos e começou a falar. Não pôde ir além de cinco ou seis palavras; as lágrimas tornaram, em tão grande quantidade e com tanta força que D. Paula achou bom deixá-las correr primeiro.

Entretanto, foi tirando a capa de rendas pretas que a envolvia e descalçando as luvas. Era uma bonita velha, elegante, dona de um par de olhos grandes, que deviam ter sido infinitos. Enquanto a sobrinha chorava, ela foi fechar cautelosamente a porta da sala, e voltou ao sofá. No fim de alguns minutos, Venancinha parou de chorar e confiou a sua tia o que era.

Era nada menos que uma briga com o marido, tão violenta que

chegaram a falar de separação. A causa eram ciúmes. Desde muito que o marido embirrava com um sujeito; mas na véspera à noite, em casa do C..., vendo-a dançar com ele duas vezes e conversar alguns minutos, concluiu que eram namorados.

Voltou amuado para casa de manhã; acabado o almoço, a raiva estourou, e ele disse-lhe coisas duras e amargas, que ela respondeu com outras.

— Onde está teu marido?, perguntou a tia.

— Saiu; parece que foi para o escritório.

D. Paula perguntou se o escritório era ainda o mesmo e disse-lhe que descansasse, que não era nada, dali a duas horas tudo estaria acabado. Calçava as luvas rapidamente.

— Titia vai lá?

— Vou... Pois então? Vou. Teu marido é bom, são humores. 104? Vou lá; espera por mim, que as escravas não te vejam.

Tudo isso era dito com charme, confiança e doçura. Calçadas as luvas, pôs a capa, e a sobrinha ajudou-a, falando também, jurando que, apesar de tudo, adorava o Conrado. Conrado era o marido, advogado desde 1874. D. Paula saiu, levando muitos beijos da moça. Na verdade, não podia chegar na hora mais exata. No caminho, parece que ela encarou o incidente, não digo desconfiada, mas curiosa, um pouco inquieta da realidade positiva; em todo caso ia decidida a reconstruir a paz doméstica.

Chegou, não achou o sobrinho no escritório, mas ele veio logo, e, passado o primeiro espanto, não foi preciso que D. Paula lhe dissesse o objeto da visita; Conrado adivinhou tudo. Confessou que fora excessivo em algumas coisas, e, por outro lado, não atribuía à mulher nenhuma inclinação perversa ou viciosa. Só isso; no mais, era uma cabeça de vento, muito amiga de cortesias, de olhos ternos, de palavrinhas doces, e a falta de bom senso também é uma das portas do vício. Em relação à pessoa de quem se tratava, não tinha dúvida de que eram namorados. Venancinha contara só o fato da véspera; não falou dos outros, quatro ou cinco, o penúltimo no teatro, onde chegou a haver certo escândalo. Não estava disposto a cobrir com a sua responsabilidade os atos da mulher. Que namorasse, mas por conta própria.

D. Paula ouviu tudo, calada; depois falou também. Concordava que a sobrinha não tinha bom senso; era próprio da idade. Moça bonita não sai à rua sem atrair os olhos, e é natural que a admiração dos outros a lisonjeie.

Também é natural que o que ela fizer de lisonjeada pareça aos

outros e ao marido um princípio de namoro: a vaidade de uns e o ciúme do outro explicam tudo. Pela parte dela, acabava de ver a moça chorar lágrimas sinceras, deixou-a triste, falando em morrer, abatida com o que ele lhe dissera. E se ele próprio só lhe atribuía falta de bom senso, por que não agir com calma e doçura, por meio de conselho e de observação, poupando as ocasiões, apontando o mal que fazem à reputação de uma senhora as aparências de acordo, de simpatia, de boa vontade para os homens?

Não gastou menos de vinte minutos a boa senhora em dizer essas coisas mansas, com tão boa sombra que o sobrinho sentiu seu coração se acalmar. Resistia, é verdade; duas ou três vezes, para não chegar perto do perdão, declarou à tia que entre eles tudo estava acabado. E, para animar-se, revivia mentalmente as razões que tinha contra a mulher. A tia, porém, abaixava a cabeça para deixar passar a onda e surgia outra vez com os seus grandes olhos espertos e teimosos. Conrado ia cedendo aos poucos e mal. Foi então que D. Paula propôs um meio-termo.

— Você a perdoa, fazem as pazes, e ela vai estar comigo, na Tijuca, um ou dois meses; uma espécie de castigo. Eu, durante esse tempo, encarrego-me de pôr ordem no seu espírito. Valeu?

Conrado aceitou. D. Paula, tão depressa obteve a palavra, despediu-se para levar a boa nova à outra, Conrado acompanhou-a até a escada. Apertaram as mãos; D. Paula não soltou a dele sem repetir os conselhos de doçura e calma; depois, fez esta reflexão natural:

— E vão ver que o homem de quem se trata nem merece um minuto dos nossos cuidados...

— É um tal Vasco Maria Portela...

D. Paula empalideceu. Que Vasco Maria Portela? Um velho, antigo diplomata, que... Não, esse estava na Europa desde alguns anos, aposentado, e acabava de receber um título de barão. Era um filho dele, chegado há pouco, um pilantra... D. Paula apertou sua mão e desceu rapidamente. No corredor, sem ter necessidade de ajustar a capa, fez isso durante alguns minutos, com a mão trêmula e um pouco de alvoroço na fisionomia. Chegou mesmo a olhar para o chão, refletindo. Saiu, foi falar com a sobrinha, levando a reconciliação e as condições. Venancinha aceitou tudo.

Dois dias depois foram para a Tijuca. Venancinha ia menos alegre do que prometera; provavelmente era o exílio, ou pode ser também que algumas saudades. Em todo caso, o nome de Vasco subiu a Tijuca, se não em ambas as cabeças, ao menos na da tia,

onde era uma espécie de eco, um som remoto e suave, alguma coisa que parecia vir de muito tempo atrás. Cantora e ministério, coisas frágeis, não o eram menos que a felicidade de ser moça, e aonde iam essas três eternidades? Jaziam nas ruínas de trinta anos. Era tudo o que D. Paula tinha em si e diante de si.

Já se entende que o outro Vasco, o antigo, também foi moço e amou. Amaram-se, fartaram-se um do outro, à sombra do casamento, durante alguns anos, e, como o vento que passa não guarda a palavra dos homens, não há meio de escrever aqui o que então se disse da aventura. A aventura acabou; foi uma sucessão de horas doces e amargas, de delícias, de lágrimas, de raivas, de impulsos, drogas várias com que encheram a taça das paixões desta senhora. D. Paula esgotou-a inteira e emborcou-a depois para não mais beber. A saciedade trouxe a abstinência, e com o tempo foi esta última fase que fez a opinião. Morreu seu marido, e foram vindo os anos. D. Paula era agora uma pessoa rígida e devota, cheia de prestígio e consideração.

A sobrinha é que levou seu pensamento ao passado. Foi a presença de uma situação parecida, de mistura com o nome e o sangue do mesmo homem, que acordou algumas velhas lembranças. Não esqueçam que elas estavam na Tijuca, que iam viver juntas algumas semanas, e que uma obedecia à outra; era tentar e desafiar a memória.

— Mas nós realmente não voltamos à cidade tão cedo?, perguntou Venancinha rindo, no outro dia de manhã.

— Já estás aborrecida?

— Não, não, isso nunca, mas pergunto...

D. Paula, rindo também, fez com o dedo um gesto negativo; depois, perguntou-lhe se tinha saudades aqui de baixo. Venancinha respondeu que nenhuma; e, para dar mais força à resposta, fez cair um pouco os cantos da boca, em um gesto de indiferença e desdém. Era colocar demais na carta, D. Paula tinha o bom costume de não ler com pressa, como quem vai salvar o pai da forca, mas devagar, enfiando os olhos entre as sílabas e entre as letras, para ver tudo, e achou que o gesto da sobrinha era excessivo.

“Eles se amam!”, pensou ela.

A descoberta avivou o espírito do passado. D. Paula fez força para sacudir fora essas memórias importunas; elas, porém, voltavam, ou de manso ou de assalto, como moças que eram, cantando, rindo, fazendo o diabo. D. Paula tornou aos seus bailes de outro tempo, às suas eternas valsas que faziam pasmar a toda a gente, às



mazurcas, que ela dizia às sobrinhas como sendo a mais graciosa coisa do mundo, e aos teatros, e às cartas, e, vagamente, aos beijos; mas tudo isso — e esta é a situação — tudo isso era como as frias crônicas, esqueleto da história, sem a alma da história. Passava-se tudo na cabeça. D. Paula tentava emparelhar o coração com o cérebro, a ver se sentia alguma coisa além da pura repetição mental, mas, por mais que evocasse as comoções extintas, não lhe voltava nenhuma. Coisas truncadas!

Se ela conseguisse espiar para dentro do coração da sobrinha, pode ser que achasse ali a sua imagem, e então... Desde que esta **ideia** penetrou no espírito de D. Paula, complicou um pouco sua obra de reparação e cura. Era sincera, tratava da alma da outra, queria vê-la de volta ao marido. No ato do pecado é que se pode desejar que outros pequem também, para descer de companhia ao purgatório; mas aqui o pecado já não existia. D. Paula mostrava à sobrinha a superioridade do marido, as suas virtudes e assim também as paixões, que podiam dar um mau desfecho ao casamento, pior que trágico, a rejeição.

Conrado, na primeira visita que lhes fez, nove dias depois, confirmou a advertência da tia; entrou frio e saiu frio. Venancinha ficou com medo. Esperava que os nove dias de separação tivessem acalmado o marido, e, na verdade, assim era; mas ele disfarçou à entrada e conteve-se para não se acabar. E isso foi melhor que tudo o mais. O terror de perder o marido foi o principal elemento de restauração. O próprio exílio não pôde tanto.

Dois dias depois daquela visita, estando ambas ao portão da chácara, prestes a sair para o passeio do costume, viram vir um cavaleiro. Venancinha fixou a vista, deu um pequeno grito e correu para se esconder atrás do muro. D. Paula compreendeu e ficou. Quis ver o cavaleiro mais de perto; viu-o dali a dois ou três minutos, um elegante rapaz, com as suas finas botas lustrosas, muito bem-posto na sela; tinha a mesma cara do outro Vasco, era o filho; o mesmo jeito da cabeça, um pouco à direita, os mesmos ombros largos, os mesmos olhos redondos e profundos.

Nessa mesma noite, Venancinha contou-lhe tudo, depois da primeira palavra que ela lhe arrancou.

Tinham se visto nas corridas, uma vez, logo que ele chegou da Europa. Quinze dias depois, foi-lhe apresentado em um baile, e pareceu-lhe tão bem, com um ar tão parisiense, que ela falou dele, na manhã seguinte, ao marido. Conrado franziu a sobrancelha, e foi este gesto que lhe deu uma **ideia** que até então não tinha. Começou

a vê-lo com prazer; daí a pouco com certa ansiedade. Ele lhe falava respeitosamente, dizia coisas amigas, que ela era a mais bonita moça do Rio, e a mais elegante, que já em Paris ouvira elogiá-la muito, por algumas senhoras da família Alvarenga. Tinha graça em criticar os outros e sabia dizer também umas palavras sentidas, como ninguém. Não falava de amor, mas perseguia-a com os olhos, e ela, por mais que afastasse os seus, não podia afastá-los totalmente. Começou a pensar nele, com **frequência**, com interesse, e, quando se encontravam, batia muito seu coração, pode ser que ele visse então, no seu rosto, a impressão que fazia.

D. Paula, inclinada para ela, ouvia essa narração, que aí fica apenas resumida e coordenada. Tinha toda a vida nos olhos; a boca meio aberta parecia beber as palavras da sobrinha, ansiosamente. E pedia-lhe mais, que lhe contasse tudo, tudo. Venancinha criou confiança. O ar da tia era tão jovem, o encorajamento tão meigo e cheio de um perdão antecipado, que ela achou ali uma confidente e amiga, apesar de algumas frases severas que ouviu dela, misturadas às outras, por um motivo de inconsciente hipocrisia. Não digo cálculo; D. Paula enganava-se a si mesma. Podemos compará-la a um general inválido, que tenta achar um pouco do antigo ardor ouvindo outras campanhas.

— Já vêes que teu marido tinha razão, dizia ela; foste descuidada, muito descuidada...

Venancinha achou que sim, mas jurou que estava tudo acabado.

— Receio que não. Chegaste a amá-lo de verdade?

— Titia...

— Tu ainda gostas dele!

— Juro que não. Não gosto; mas confesso... sim... confesso que gostei... Perdoe-me tudo; não diga nada a Conrado; estou arrependida... Repito que no começo um pouco fascinada... Mas que quer a senhora?

— Ele declarou-te alguma coisa?

— Declarou; foi no teatro, uma noite, no Teatro Lírico, à saída. Tinha costume de ir buscar-me ao camarote e conduzir-me até o carro, e foi à saída... duas palavras...

D. Paula não perguntou, por pudor, as próprias palavras do namorado, mas imaginou as circunstâncias, o corredor, os pares que saíam, as luzes, a multidão, o rumor das vozes e teve o poder de representar, com o quadro, um pouco das sensações dela; e as pediu com interesse, astutamente.

— Não sei o que senti, disse a moça, cuja comoção crescente ia desatando a língua; não me lembro dos primeiros cinco minutos. Creio que fiquei séria; em todo o caso, não lhe disse nada. **Pareceu-me** que toda gente olhava para nós, que teriam ouvido, e, quando alguém me cumprimentava sorrindo, dava-me **ideia** de estar me provocando. Desci as escadas não sei como, entrei no carro sem saber o que fazia; ao apertar sua mão, afrouxei bem os dedos. Juro que não queria ter ouvido nada. Conrado disse-me que tinha sono e encostou-se ao fundo do carro; foi melhor assim, porque eu não sei o que diria, se tivéssemos de ir conversando. Encostei-me também, mas por pouco tempo; não podia estar na mesma posição. Olhava para fora através dos vidros e via só o clarão dos lampiões, de vez em quando, e afinal nem isso mais; via os corredores do teatro, as escadas, as pessoas todas, e ele ao pé de mim, cochichando as palavras, duas palavras só, e não posso dizer o que pensei em todo esse tempo; tinha as **ideias** baralhadas, confusas, uma revolução em mim...

— Mas, em casa?

— Em casa, despindo-me, é que pude refletir um pouco, mas muito pouco. Dormi tarde e mal. De manhã, tinha a cabeça perturbada. Não posso dizer que estava alegre nem triste, lembro-me que pensava muito nele, e para afastá-lo prometi a mim mesma revelar tudo ao Conrado; mas o pensamento voltava outra vez. De vez em quando, parecia escutar a voz dele e tremia. Cheguei a lembrar que, à despedida, lhe dera os dedos frouxos, e sentia, não sei como diga, uma espécie de arrependimento, um medo de o ter ofendido... e depois vinha o desejo de o ver outra vez... Perdoe-me, tia; a senhora é que quer que lhe conte tudo.

A resposta de D. Paula foi apertar-lhe muito a mão e fazer um gesto de cabeça. Afinal achava alguma coisa de outro tempo, ao contato daquelas sensações ingenuamente narradas. Tinha os olhos ora meio cerrados, na sonolência da recordação, ora aguçados de curiosidade e calor, e ouvia tudo, dia por dia, encontro por encontro, a própria cena do teatro, que a sobrinha tinha escondido no começo. E vinha tudo o mais, horas de ânsia, de saudade, de medo, de esperança, desalentos, fingimentos, impulsos, toda a agitação de uma criatura em tais circunstâncias, nada dispensava a curiosidade insaciável da tia. Não era um livro, não era sequer um capítulo de traição, mas um prólogo — interessante e violento.

Venancinha acabou. A tia não lhe disse nada, ficou metida em si mesma; depois acordou, pegou na sua mão e puxou-a.

Não lhe falou logo; fitou primeiro e de perto toda essa mocidade inquieta e palpitante, a boca fresca, os olhos ainda infinitos, e só voltou a si quando a sobrinha lhe pediu outra vez perdão. D. Paula **disse-lhe** tudo o que a ternura e a autoridade da mãe lhe poderia dizer, falou-lhe de castidade, de amor ao marido, de respeito público; foi tão convincente que Venancinha não pôde conter-se e chorou.

Veio o chá, mas não há chá possível depois de certas confidências. Venancinha recolheu-se logo e, como a luz era agora maior, saiu da sala com os olhos baixos, para que o criado não visse sua comoção. D. Paula ficou diante da mesa e do criado. Gastou vinte minutos, ou pouco menos, em beber uma xícara de chá e roer um biscoito, e apenas ficou só, foi encostar-se à janela, que dava para a chácara.

Ventava um pouco, as folhas moviam-se sussurrando, e, mesmo que não fossem as mesmas do outro tempo, ainda assim perguntavam-lhe: “Paula, você lembra-se do outro tempo?”. Que esta é a particularidade das folhas, as gerações que passam contam às que chegam as coisas que viram, e é assim que todas sabem tudo e perguntam por tudo. Você lembra-se do outro tempo?

Lembrar, lembrava, mas aquela sensação de há pouco, reflexo apenas, tinha agora parado. Em vão repetia as palavras da sobrinha, farejando o ar da noite: era só na cabeça que achava algum vestígio, lembranças, coisas truncadas. O coração empacara de novo, o sangue ia outra vez com o ritmo do costume. Faltava-lhe o contato moral da outra. E continuava, apesar de tudo, diante da noite, que era igual às outras noites de então e nada tinha que se parecesse com as do outro tempo; mas continuava, e lá dentro as pretas espalhavam o sono contando piadas e diziam, uma ou outra vez, impacientes:

— Sinhá velha hoje deita tarde como diabo!

## A causa secreta

Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o teto; Maria Luísa, perto da janela, concluía um trabalho de tricô. Havia já cinco minutos que nenhum deles dizia nada. Tinham falado do dia — que estivera excelente —, de Catumbi, onde morava o casal Fortunato, e de uma casa de saúde, que adiante se explicará. Como os três personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, é tempo de contar a história do jeito que ela é.

Tinham falado também de outra coisa, além daquelas três, coisa tão feia e séria que não lhes deixou muito gosto para tratar do dia, do bairro e da casa de saúde. Toda a conversa a esse respeito foi evitada. Agora mesmo, os dedos de Maria Luísa parecem ainda trêmulos, ao passo que há no rosto de Garcia uma expressão de seriedade, que não lhe é habitual. Na verdade, o que se passou foi de tal natureza que, para entender, é preciso voltar à origem da situação.

Garcia tinha-se formado em medicina, no ano anterior, 1861. No de 1860, estando ainda na Escola, encontrou-se com Fortunato, pela primeira vez, à porta da Santa Casa; entrava, quando o outro saía. A figura causou-lhe impressão; mas, ainda assim, esqueceria isso, se não fosse o segundo encontro, poucos dias depois. Morava na rua de D. Manoel. Uma de suas raras distrações era ir ao teatro de S. Januário, que ficava perto, entre essa rua e a praia; ia uma ou duas vezes por mês e nunca achava acima de quarenta pessoas. Só os mais corajosos ousavam estender os passos até aquele recanto da cidade. Uma noite, estando nas cadeiras, apareceu ali Fortunato e sentou-se ao pé dele.

A peça era um dramalhão, repleto de facadas, agitado por súplicas e arrependimentos; mas Fortunato ouvia-a com interesse. Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava, os olhos iam com entusiasmo de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça lembranças pessoais do vizinho. No fim do drama, veio uma farsa; mas Fortunato não esperou por ela e saiu; Garcia saiu atrás dele. Fortunato foi pelo beco do Cotovelo, rua de S. José, até o largo da Carioca. Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando. No largo da Carioca entrou numa carruagem e seguiu para os lados da praça da Constituição. Garcia voltou para casa sem saber mais nada.

Passaram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu barulho de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este que alguns homens conduziam, escada acima, **ensanguentado**. O preto que o servia ajudou a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas; a luz, pouca. Deitado o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico.

— Já vem um aí, disse alguém.

Garcia olhou: era o próprio homem da Santa Casa e do teatro. Imaginou que seria parente ou amigo do ferido; mas rejeitou a suposição, assim que o ouvira perguntar se este tinha família ou pessoa próxima. Disse-lhe o preto que não, e ele assumiu a direção do serviço, pediu às pessoas estranhas que se retirassem, pagou aos carregadores e deu as primeiras ordens. Sabendo que o Garcia era vizinho e estudante de medicina, pediu-lhe que ficasse para ajudar o médico. Em seguida contou o que tinha se passado.

— Foi um bando de desordeiros. Eu vinha do quartel de Moura, onde fui visitar um primo, quando ouvi um barulho muito grande e logo depois um ajuntamento. Parece que eles feriram também um sujeito que passava e que entrou por um daqueles becos; mas eu só vi este senhor, que atravessava a rua no momento em que um dos desordeiros, roçando por ele, meteu-lhe o punhal. Não caiu logo; disse onde morava e, como era a dois passos, achei melhor trazê-lo.

— Conhecia-o antes?, perguntou Garcia.

— Não, nunca o vi. Quem é?

— É um bom homem, empregado no arsenal de guerra. Chama-se Gouvêa.

— Não sei quem é.

Médico e subdelegado vieram daí a pouco; fez-se o curativo, e tomaram-se as informações. O desconhecido declarou **chamar-se** Fortunato Gomes da Silveira, ser dono de negócio, solteiro, morador em Catumbi. A ferida foi tida como grave. Durante o curativo ajudado pelo estudante, Fortunato serviu de criado, segurando a bacia, a vela, os panos, sem perturbar nada, olhando friamente para o ferido, que gemia muito. No fim, entendeu-se particularmente com o médico, acompanhou-o até o patamar da escada e confirmou ao subdelegado a declaração de estar pronto a auxiliar as pesquisas da polícia. Os dois saíram, ele e o estudante ficaram no quarto.

Garcia estava em reação. Olhou para ele, viu-o sentar-se **tranquilamente**, estirar as pernas, meter as mãos nos bolsos das calças e fitar os olhos no ferido. Os olhos eram claros, cor de chumbo, moviam-se devagar e tinham a expressão dura, seca e fria. Cara magra e pálida; uma tira estreita de barba, por baixo do queixo e junto da orelha, curta, ruiva e rara. Teria quarenta anos. De vez em quando, voltava-se para o estudante e perguntava alguma coisa sobre o ferido; mas tornava logo a olhar para ele, enquanto o rapaz lhe dava a resposta. A sensação que o estudante recebia era de repulsa ao mesmo tempo que de curiosidade; não podia negar que estava assistindo a um ato de rara dedicação, e, se era desinteressado como parecia, não havia mais que aceitar o coração humano como um poço de mistérios.

Fortunato saiu pouco antes de uma hora; voltou nos dias seguintes, mas a cura fez-se depressa, e, antes de concluída, desapareceu sem dizer ao ajudado onde morava. Foi o estudante que lhe deu as indicações do nome, rua e número.

— Vou agradecer-lhe a esmola que me fez, logo que possa sair, disse o convalescente.

Correu a Catumbi daí a seis dias. Fortunato recebeu-o sem jeito, ouviu impaciente as palavras de agradecimento, deu-lhe uma resposta irritada e acabou batendo com o roupão no joelho. Gouvêa, defronte dele, sentado e calado, alisava o chapéu com os dedos, levantando os olhos de vez em quando, sem achar mais nada que dizer. No fim de dez minutos, pediu licença para sair e saiu.

— Cuidado com os desordeiros!, disse-lhe o dono da casa, rindo.

O pobre-diabo saiu de lá aborrecido, humilhado, mastigando a custo o desdém, tentando esquecê-lo, explicá-lo ou perdoá-lo, para que no coração só ficasse a memória do benefício; mas o esforço era vão. O ressentimento, hóspede novo e exclusivo, entrou e pôs fora o benefício, de tal modo que o desgraçado não teve mais que subir à cabeça e refugiar-se ali como uma simples **ideia**.

Foi assim que o próprio benfeitor insinuou a este homem o sentimento da ingratidão.

Tudo isso assombrou o Garcia. Este moço possuía, em seu espírito, a capacidade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, amava a análise e sentia o prazer, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo. Louco de curiosidade, lembrou-se de ir falar com o homem de Catumbi, mas lembrou que nem recebera dele o convite formal de ir à casa. Era preciso um pretexto, e não achou nenhum.

Tempos depois, estando já formado e morando na rua de Matacavalos, perto da do Conde, encontrou Fortunato em uma carruagem, encontrou-o ainda outras vezes, e a **frequência** trouxe a familiaridade. Um dia Fortunato convidou-o a ir visitá-lo ali perto, em Catumbi.

— Sabe que estou casado?

— Não sabia.

— Casei-me há quatro meses, podia dizer quatro dias. Vá jantar conosco domingo.

— Domingo?

— Não invente desculpas; não admito desfeitas. Vá domingo.

Garcia foi lá domingo. Fortunato deu-lhe um bom jantar, bons charutos e boa conversa, em companhia da senhora, que era interessante. A figura dele não mudara; os olhos eram as mesmas chapas de metal, duras e frias; as outras feições não eram mais atraentes que dantes. As gentilezas, porém, se não resgatavam a natureza, davam alguma compensação, e não era pouco.

Maria Luísa é que possuía ambos os feitiços, pessoa e modos. Era magra, elegante, olhos meigos e submissos; tinha vinte e cinco anos e parecia não passar de dezenove. Garcia, à segunda vez que lá foi, percebeu que eles não tinham o mesmo caráter, pouca ou nenhuma afinidade moral, e da parte da mulher



para com o marido uns modos que eram mais que o respeito e se pareciam com a resignação e o temor. Um dia, estando os três juntos, perguntou Garcia a Maria Luísa se tivera notícia das circunstâncias em que ele conhecera o marido.

— Não, respondeu a moça.

— Vai ouvir uma ação bonita.

— Não vale a pena, interrompeu Fortunato.

— A senhora vai ver se vale a pena, insistiu o médico.

Contou o caso da rua de D. Manoel. A moça ouviu-o espantada. Sem perceber estendeu a mão e apertou o pulso ao marido, risonha e agradecida, como se acabasse de descobrir seu coração.

Fortunato sacudia os ombros, mas não ouvia com indiferença. No fim contou ele próprio a visita que o ferido lhe fez, com todos os detalhes, os gestos, as palavras, os silêncios, em suma, um esquisito. E ria muito ao contar. Não era o riso da falsidade. A falsidade é vaga e maliciosa; o riso dele era jovial e franco.

“Singular homem!”, pensou Garcia.

Maria Luísa ficou desconsolada com a zombaria do marido; mas o médico devolveu a ela a satisfação anterior, voltando a falar da dedicação deste e das suas raras qualidades de enfermeiro; tão bom enfermeiro, concluiu ele, que, se algum dia fundar uma casa de saúde, irei convidá-lo.

— Valeu?, perguntou Fortunato.

— Valeu o quê?

— Vamos fundar uma casa de saúde?

— Não valeu nada; estou brincando.

— Podia-se fazer alguma coisa; e, para o senhor, que começa a clínica, acho que seria bem bom. Tenho justamente uma casa que vai vagar e serve.

Garcia recusou nesse e no dia seguinte; mas a **ideia** tinha se metido na cabeça do outro, e não foi possível recuar mais. Na verdade, era uma boa **estrela** para ele, e podia vir a ser um bom negócio para ambos. Aceitou finalmente, daí a dias, e foi uma desilusão para Maria Luísa. Criatura nervosa e frágil, sofria só com a **ideia** de que o marido tivesse de viver em contato com doenças humanas, mas não ousou se opor a ele e curvou a cabeça. O plano fez-se e cumpriu-se depressa.

Verdade é que Fortunato não curou mais nada, nem então, nem depois. Aberta a casa, foi ele o próprio administrador e

chefe de enfermeiros, examinava tudo, ordenava tudo, compras e caldos, drogas e contas.

Garcia pôde então observar que a dedicação ao ferido da rua D. Manoel não era um acaso, mas estava na própria natureza deste homem. Via-o servir como nenhum dos empregados. Não recuava diante de nada, não conhecia moléstia que o angustiava ou afastava e estava sempre pronto para tudo, a qualquer hora do dia ou da noite. Toda a gente se surpreendia e aplaudia. Fortunato estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava as feridas.

A união dos interesses apertou os laços da intimidade. Garcia tornou-se familiar na casa; ali jantava quase todos os dias, ali observava a pessoa e a vida de Maria Luísa, cuja solidão moral era evidente. E a solidão como que lhe duplicava o encanto. Garcia começou a sentir que alguma coisa o agitava, quando ela aparecia, quando falava, quando trabalhava, calada, ao canto da janela, ou tocava ao piano umas músicas tristes. Manso e manso, o amor entrou no seu coração. Quando deu por ele, quis expulsá-lo para que entre ele e Fortunato não houvesse outro laço que o da amizade; mas não pôde. Pôde apenas trancá-lo; Maria Luísa compreendeu ambas as coisas, a afeição e o silêncio, mas fingiu não saber.

No começo de outubro aconteceu um incidente que desvendou ainda mais aos olhos do médico a situação da moça. Fortunato se metera a estudar anatomia e fisiologia e ocupava-se nas horas vagas em rasgar e envenenar gatos e cães. Como os chiados dos animais atordoavam os doentes, mudou o laboratório para casa, e a mulher, aparência nervosa, teve de os sofrer. Um dia, porém, não podendo mais, foi falar com o médico e pediu-lhe que convencesse o marido a parar com tais experiências.

— Mas a senhora mesma...

Maria Luísa falou, sorrindo:

— Ele naturalmente achará que sou criança. O que eu queria é que o senhor, como médico, lhe dissesse que isso me faz mal; e creia que faz...

Garcia conseguiu logo que o outro acabasse com tais estudos. Se os foi fazer em outra parte, ninguém o soube, mas pode ser que sim. Maria Luísa agradeceu ao médico, tanto por ela como pelos animais, que não podia ver sofrer. Tossia de vez em quando; Garcia perguntou-lhe se tinha alguma coisa, ela respondeu que nada.

— Deixe ver o pulso.

— Não tenho nada.

Não deu o pulso e retirou-se. Garcia ficou apreensivo. Achara, ao contrário, que ela podia ter alguma coisa, que era preciso observá-la e avisar o marido em tempo.

Dois dias depois — exatamente o dia em que os vemos agora — Garcia foi lá jantar. Na sala disseram-lhe que Fortunato estava no gabinete, e ele caminhou para ali; ia chegando à porta, no momento em que Maria Luísa saía aflita.

— Que é?, perguntou-lhe.

— O rato! O rato!, exclamou a moça sufocada e afastando-se.

Garcia lembrou-se que na véspera ouvira Fortunado **queixar-se** de um rato, que tinha levado um papel importante seu; mas estava longe de esperar o que viu. Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com um líquido parecido com o vinho. O líquido flamejava.

Entre o polegar e o indicador da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato amarrado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava do rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e resolveu fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia parou horrorizado.

— Mate-o logo!, disse-lhe.

— Já vai.

E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia o prazer íntimo das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata do rato e fez pela terceira vez o mesmo movimento até a chama. O miserável contorcia-se de dor, chiando, **ensanguentado**, chamuscado, e não acabava de morrer. Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente e estendeu a mão para impedir que o sofrimento continuasse, mas não chegou a fazê-lo, porque o diabo do homem impunha medo, com toda aquela calma da fisionomia. Faltava cortar a última pata; Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata caiu, e ele ficou olhando para o rato meio cadáver. Ao descê-lo pela quarta vez, até a chama, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida.

Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetá-



culo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem ódio; apenas um grande prazer, quieto e profundo, como outro teria ouvindo uma bela música ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação da arte. Pareceu-lhe, e era verdade, que Fortunato havia-o inteiramente esquecido. Isso posto, não estaria fingindo e devia ser aquilo mesmo. A chama ia morrendo, o rato podia ser que tivesse ainda um resíduo de vida, sombra de sombra; Fortunato aproveitou-o para cortar seu focinho e pela última vez colocar a carne perto do fogo. Afinal deixou cair o cadáver no prato e afastou de si toda essa mistura de chamusco e sangue.

Ao levantar-se deu com o médico e teve um susto. Então, mostrou-se enraivecido contra o animal, que comera seu papel; mas a raiva evidentemente era fingida.

“Castiga sem raiva”, pensou o médico, “pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor dos outros lhe pode dar: é o segredo deste homem”.

Fortunato aumentou a importância do papel, a perda que lhe trazia, perda de tempo, é certo, mas o tempo agora era muito precioso para ele. Garcia ouvia só, sem dizer nada, nem lhe dar razão.

Relembrava os atos dele, sérios e leves, achava a mesma explicação para todos. Era a mesma troca das teclas da sensibilidade, uma dedicação sem igual, uma pequena amostra de Calígula<sup>1</sup>.

Quando Maria Luísa voltou ao gabinete, daí a pouco, o marido foi falar com ela, rindo, pegou nas suas mãos e falou-lhe mansamente:

— Fracota!

E voltando-se para o médico:

— O senhor acredita que quase desmaiou?

Maria Luísa defendeu-se com medo, disse que era nervosa e mulher; depois foi sentar-se à janela com as suas lãs e agulhas, e os dedos ainda trêmulos, tal qual a vimos no começo desta história. Os leitores devem se lembrar que, depois de terem falado de outras coisas, ficaram calados os três, o marido sentado e olhando para o teto, o médico estalando as unhas. Pouco depois foram jantar; mas o jantar não foi alegre. Maria Luísa cismava e tossia; o médico perguntava para si mesmo se não seria demais para ela a companhia de tal homem. Era apenas possível; mas o amor trocou a possibilidade pela certeza; tremeu por ela e resolveu vigiá-los.

Ela tossia, tossia, e não se passou muito tempo para que a doença tirasse a máscara. Era a tísica, velha dama insaciável, que

<sup>1</sup> Imperador romano conhecido principalmente pela sua crueldade.

chupa a vida toda, até deixar um bagaço de ossos. Fortunato recebeu a notícia como um golpe; amava muito a mulher, a seu modo, estava acostumado com ela, era difícil perdê-la. Não poupou esforços, médicos, remédios, ares, todos os recursos e todos os artifícios.

Mas foi tudo vão. A doença era mortal.

Nos últimos dias, na presença dos tormentos supremos da moça, o espírito do marido dominou qualquer outra afeição. Não a deixou mais; fitou o olho sem brilho e frio naquela decomposição lenta e dolorosa da vida, bebeu uma a uma as aflições da bela criatura, agora magra e transparente, devorada de febre e carregada de morte. Egoísmo amargo, faminto de sensações, não perdoou um só minuto de agonia dela, nem os pagou com uma só lágrima, pública ou íntima. Só quando ela morreu é que ele ficou perturbado. Voltando a si, viu que estava outra vez só.

De noite, indo repousar uma parenta de Maria Luísa, que a ajudara a morrer, ficaram na sala Fortunato e Garcia, velando o cadáver, ambos pensativos; mas o próprio marido estava cansado, o médico disse-lhe que repousasse um pouco.

— Vá descansar, passe pelo sono uma hora ou duas: eu irei depois.

Fortunato saiu, foi deitar-se no sofá da saleta ao lado e adormeceu logo. Vinte minutos depois acordou, quis dormir outra vez, cochilou alguns minutos, até que se levantou e voltou à sala. Caminhava nas pontas dos pés para não acordar a parenta, que dormia perto. Chegando à porta, parou assombrado.

Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou à porta. Parou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o capítulo final de um livro de traição. Não tinha ciúmes, note-se; a natureza o fez de maneira que não lhe deu ciúmes nem inveja, mas dera-lhe vaidade, que não é menos presa ao ressentimento.

Olhou assombrado, mordendo os beiços.

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em enxurrada, lágrimas de amor calado e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou **tranquilo** essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

## Um apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que você está com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Com certeza que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você não sabe que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou forma aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os soldados vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel menor, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho sem brilho e pequeno. Eu é que prendo, ligo, junto...

Estavam nisso quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava na casa de uma baronesa, que tinha a costureira ao seu pé, para não andar atrás dela. Chegou a

costureira, pegou o pano, pegou a agulha, pegou a linha, enfiou a linha na agulha e começou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana<sup>1</sup> — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando ajustava o vestido da bela dama e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, prendendo a linha, para zombar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas<sup>2</sup>? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária.

---

<sup>1</sup> Referência aos cães que acompanhavam Diana, a deusa da caça na mitologia Romana, conhecidos pela agilidade e ferocidade.

<sup>2</sup> Escrava que ajudava nos serviços domésticos.



## Adão e Eva

Uma senhora de engenho, na Bahia, pelos anos de mil setecentos e tantos, tendo algumas pessoas íntimas à mesa, anunciou a um dos convidados, grande comilão, um certo doce particular. Ele quis logo saber o que era; a dona da casa o chamou de curioso. Não foi preciso mais; daí a pouco estavam todos discutindo a curiosidade, se era masculina ou feminina, e se a responsabilidade da perda do paraíso devia caber a Eva ou a Adão. As senhoras diziam que a Adão, os homens que a Eva, menos o juiz, que não dizia nada, e Frei Bento, carmelita, que, interrogado pela dona da casa, D. Leonor:

— Eu, minha senhora, toco viola, respondeu sorrindo; e não mentia, porque era muito bom na viola e na harpa, não menos que na teologia.

Consultado, o juiz respondeu que não havia matéria para opinião; porque as coisas no paraíso terrestre passaram-se de modo diferente do que está contado no primeiro livro do Pentateuco, que é apócrifo<sup>1</sup>. Espanto geral, riso do carmelita que conhecia o juiz como um dos mais piedosos sujeitos da cidade e sabia que era também jovial e inventivo, e até amigo da sem-vergonhice, uma vez que fosse conveniente e delicada; nas coisas sérias, era muito sério.

— Frei Bento, disse-lhe D. Leonor, faça o Sr. Veloso calar.

— Não o faça calar, disse o frade, porque sei que de sua boca sairá tudo com boa significação.

— Mas a Escritura..., ia dizendo o comandante João Barbosa.

— Deixemos em paz a Escritura, interrompeu o carmelita. Naturalmente, o Sr. Veloso conhece outros livros...

— Conheço o autêntico, insistiu o juiz, recebendo o prato de doce que D. Leonor lhe oferecia, e estou pronto a dizer o que sei, se não preferirem o contrário.

---

<sup>1</sup> Diz-se de obra religiosa da qual não se pode provar a autenticidade.



SCHLOSSER

— Vá lá, diga.  
— Aqui está como as coisas se passaram. Em primeiro lugar, não foi Deus que criou o mundo, foi o Diabo...  
— Cruz!, exclamaram as senhoras.  
— Não diga esse nome, pediu D. Leonor.  
— Sim, parece que..., ia interferindo frei Bento.  
— Seja o Tinhoso. Foi o Tinhoso que criou o mundo; mas Deus, que leu no seu pensamento, deixou suas mãos livres, cuidando somente de corrigir ou diminuir a obra, a fim de que ao próprio mal não ficasse a desesperança da salvação ou do benefício. E a ação divina mostrou-se logo porque, tendo o Tinhoso criado as trevas, Deus criou a luz, e assim se fez o primeiro dia. No segundo dia, em que foram criadas as águas, nasceram as tempestades e os furacões; mas as brisas da tarde baixaram do pensamento divino. No terceiro dia foi feita a terra, e brotaram dela os vegetais, mas só os vegetais sem fruto nem flor, os espinhosos, as ervas que matam como o veneno; Deus, porém, criou as árvores frutíferas e os vegetais que nutrem ou encantam. E tendo o Tinhoso cavado abismos e cavernas na terra, Deus fez o sol, a lua e as estrelas; tal foi a obra do quarto dia. No quinto foram criados os animais da terra, da água e do ar. Chegamos ao sexto dia, e aqui peço que redobrem de atenção.

Não era preciso pedi-lo; toda a mesa olhava para ele, curiosa.

Veloso continuou dizendo que no sexto dia foi criado o homem e logo depois a mulher; ambos belos, mas sem alma, que o Tinhoso não podia dar, e só com instintos ruins. Deus colocou a alma, com um sopro, e com outro os sentimentos nobres, puros e grandes. Não parou nisso a misericórdia divina; fez brotar um jardim de delícias e para ali os conduziu, deixando-os com a posse de tudo. Um e outro caíram aos pés do Senhor, derramando lágrimas de gratidão. “Viverão aqui”, disse-lhe o Senhor, “e comerão todos os frutos, menos o desta árvore, que é a da ciência do Bem e do Mal”.

Adão e Eva ouviram submissos; e, ficando sós, olharam um para o outro, admirados; não pareciam os mesmos. Eva, antes que Deus lhe desse os bons sentimentos, pensava em armar uma armadilha para Adão, e Adão tinha impulsos de espancá-la. Agora, porém, mergulhavam na contemplação um do outro, ou na vista da natureza, que era esplêndida. Nunca até então viram ares tão puros, nem águas tão frescas, nem flores tão lindas e cheirosas,

nem o sol tinha para nenhuma outra parte as mesmas torrentes de claridade. E dando as mãos percorreram tudo, rindo muito, nos primeiros dias, porque até então não sabiam rir. Não tinham a sensação do tempo. Não sentiam o peso da ociosidade; viviam da contemplação. De tarde iam ver morrer o sol e nascer a lua, e contar as estrelas, e raramente chegavam a mil, dava-lhes o sono e dormiam como dois anjos.

Naturalmente, o Tinhoso ficou danado quando soube do caso. Não podia ir ao paraíso, onde tudo era contrário a ele, nem chegaria a lutar com o Senhor; mas, ouvindo um rumor no chão entre folhas secas, olhou e viu que era a serpente. Chamou-a nervoso.

— Vem cá, serpe, ódio rasteiro, veneno dos venenos, queres ser a embaixatriz de teu pai, para reaver as obras de teu pai?

A serpente fez com a cauda um gesto vago, que parecia afirmativo; mas o Tinhoso deu-lhe a fala, e ela respondeu que sim, que iria onde ele a mandasse — às estrelas, se lhe desse as asas da águia; ao mar, se lhe confiasse o segredo de respirar na água; ao fundo da terra, se lhe ensinasse o talento da formiga.

E a maligna falava, falava à toa, sem parar, contente e com língua solta; mas o diabo interrompeu-a:

— Nada disso, nem ao ar, nem ao mar, nem à terra, mas apenas ao jardim de delícias, onde estão vivendo Adão e Eva.

— Adão e Eva?

— Sim, Adão e Eva.

— Duas belas criaturas que vimos andar há tempos, altas e direitas como palmeiras?

— Justamente.

— Oh!, detesto-os. Adão e Eva? Não, não, manda-me a outro lugar. Detesto-os! Só a vista deles faz-me sofrer muito. Não queres que eu lhes faça mal...

— É justamente para isso.

— Verdade? Então vou; farei tudo o que quiseres, meu senhor e pai. Anda, diz depressa o que queres que faça. Que morda o calcanhar de Eva? Morderei...

— Não, interrompeu o Tinhoso. Quero justamente o contrário. Há no jardim uma árvore, que é a da ciência do Bem e do Mal; eles não devem tocar nela, nem comer seus frutos. Vai, entra, enrosca-te na árvore e, quando um deles ali passar, chama-o de mansinho, tira uma fruta e oferece-lhe, dizendo que é a mais

saborosa fruta do mundo; se te responder que não, tu insistirás, dizendo que é bastante comê-la para conhecer o próprio segredo da vida. Vai, vai...

— Vou; mas não falarei a Adão, falarei a Eva. Vou, vou. Que é o próprio segredo da vida, não?

— Sim, o próprio segredo da vida. Vai, serpe das minhas entranhas, flor do mal, e se te saíres bem, juro que terás a melhor parte na criação, que é a parte humana, porque terás muito calcanhar de Eva que morder, muito sangue de Adão em que deitar o vírus do mal... Vai, vai, não te esqueças...

Esquecer? Já levava tudo de cor. Foi, penetrou no paraíso, rastejou até a árvore do Bem e do Mal, enroscou-se e esperou. Eva apareceu daí a pouco, caminhando sozinha, elegante, com a segurança de uma rainha que sabe que ninguém lhe arrancará a coroa. A serpente, mordida de inveja, ia chamar o veneno à língua, mas lembrou-se que estava ali às ordens do Tinhoso e, com a voz de mel, chamou-a. Eva assustou-se levemente.

— Quem me chama?

— Sou eu, estou comendo desta fruta...

— Desgraçada, é a árvore do Bem e do Mal!

— Justamente. Conheço agora tudo, a origem das coisas e o enigma da vida. Anda, come e terás um grande poder na terra.

— Não, traidora!

— Idiota! Para que recusas o brilho dos tempos? **Escuta-me**, faz o que te digo e serás muitas, fundarás cidades e irás te chamar Cleópatra, Dido, Semíramis; darás heróis do teu ventre e serás Cornélia; ouvirás a voz do céu e serás Débora; cantarás e serás Safo. E um dia, se Deus quiser descer à terra, escolherá as tuas entranhas e irás te chamar Maria de Nazaré. Que mais queres tu? Realeza, poesia, divindade, tudo trocas por uma estúpida obediência. Nem é só isso. Toda a natureza te fará bela e mais bela. Cores das folhas verdes, cores do céu azul, vivas ou pálidas, cores da noite, vão refletir nos teus olhos. A mesma noite, de disputa com o sol, virá brincar nos teus cabelos. Os filhos do teu seio tecerão para ti as melhores vestes, comporão os mais finos aromas, e as aves te darão as suas plumas, e a terra as suas flores, tudo, tudo, tudo...

Eva escutava sem demonstrar qualquer sentimento; Adão chegou, ouviu-os e confirmou a resposta de Eva; nada valia a perda do paraíso, nem a ciência, nem o poder, nenhuma outra ilusão

da terra. Dizendo isto, deram as mãos um ao outro e deixaram a serpente, que saiu apressada para dar conta ao Tinhoso.

Deus, que ouvira tudo, disse a Gabriel:

— Vai, arcanjo meu, desce ao paraíso terrestre, onde vivem Adão e Eva, e os traz para a eterna bem-aventurança, que mereceram por ter recusado as instigações do Tinhoso.

E logo o arcanjo, pondo na cabeça o elmo de diamante, que brilha como um milhão de sóis, rasgou instantaneamente os ares, chegou a Adão e Eva e lhes disse:

— Salve, Adão e Eva. Venham comigo para o paraíso, que mereceram por ter recusado as instigações do Tinhoso.

Um e outro, sem saber o que fazer e confusos, curvaram o colo em sinal de obediência; então Gabriel deu as mãos a ambos, e os três subiram até a estância eterna, onde muitos anjos os esperavam, cantando:

— Entrem, entrem. A terra que deixaram fica entregue às obras do Tinhoso, aos animais ferozes e maléficos, às plantas daninhas e venenosas, ao ar impuro, à vida dos pântanos. Reinará nela a serpente que rasteja, se suja e morde, nenhuma criatura igual a vocês colocará a esperança e a piedade entre tantas coisas horríveis.

E foi assim que Adão e Eva entraram no céu, ao som de todas as cítaras<sup>2</sup>, que uniam as suas notas em um hino aos dois seres da criação...

Tendo acabado de falar, o juiz estendeu o prato a D. Leonor para que lhe desse mais doce, enquanto os outros convidados olhavam uns para os outros, embasbacados; em vez de explicação, ouviam uma narração enigmática, ou, pelo menos, sem sentido aparente. D. Leonor foi a primeira que falou:

— Bem dizia eu que o Sr. Veloso estava enganando a gente. Não foi isso que lhe pedimos, nem nada disso aconteceu, não é, frei Bento?

— Lá o saberá o Sr. juiz, respondeu o carmelita sorrindo.

E o juiz, levando à boca uma colher de doce:

— Pensando bem, creio que nada disso aconteceu; mas também, D. Leonor, se tivesse acontecido, não estaríamos aqui saboreando este doce, que está, na verdade, uma coisa primorosa. É ainda aquela sua antiga doceira de Itapagipe?

---

<sup>2</sup> Instrumento de cordas.

**O autor  
Machado de Assis**



## O autor

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, 21 de junho de 1839, falecendo na mesma cidade em 29 de setembro de 1908. Foi romancista, contista, cronista, poeta, jornalista e teatrólogo.

Por ser mulato e pobre, filho de operário, Machado de Assis não pode frequentar uma instituição de ensino, embora tenha estudado mesmo longe da escola. Aos quinze anos, publicou uma obra literária pela primeira vez, no *Periódico dos pobres*, de 3 de outubro de 1854. Dois anos depois, começou a trabalhar como tipógrafo na Imprensa Nacional, onde teve contato com textos e autores variados. Foi jornalista e revisor em vários jornais e revistas da época.

Seu primeiro livro foi uma tradução, ao qual seguiu seu primeiro livro de poesias: *Crisálidas*, de 1864. O primeiro romance veio em 1872, *Ressurreição*, seguido de *A mão e a Luva* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, livro considerado pelos críticos como divisor de águas da obra machadiana. Ingressou pelos contos com *Papéis avulsos*, *Contos fluminenses* e *Relíquias da Casa Velha*.

No teatro, publicou várias peças, dentre as quais *Desencantos* e *Quase ministro*. Como crítico literário, comentou textos de autores nacionais e estrangeiros nos jornais em que colaborou, sendo inclusive um dos precursores dessa atividade no Brasil. Na crônica, destacam-se as obras *Bons dias!* e *Crônicas de Lélío* (esta publicada após a morte do autor).

Ocupou a cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras, da qual foi patrono-fundador.





## Características da obra de Machado de Assis

Machado de Assis é seguramente um dos maiores escritores da Língua Portuguesa de todos os tempos. Cultivando os vários gêneros literários, como **poesia**, **prosa** e **teatro**, seus textos são considerados verdadeiros **documentos humanos** e de **paisagens sociais** do final do **século XIX** e início do **século XX**.

A importância do autor é mais evidenciada nos estudos relacionados a sua **prosa**, sendo seus **romances** as obras mais destacadas pelos estudiosos da literatura.

Sua prosa costuma ser dividida em **duas fases**: uma fase **romântica** e uma fase **realista**, sendo esta última considerada a de grande expressão para a Literatura brasileira.



*O escritor francês Honoré du Balzac, que teve grande influência na literatura realista mundial.*

Em todas as suas obras podem ser percebidas características que marcaram a prosa machadiana, como: **o diálogo com o leitor**; a **referência a autores e obras literárias e filosóficas de outros tempos** (Pascal, Montaigne e Shopenheuer); a **descrição psicológica** dos personagens; a divisão da obra em **capítulos curtos; frases breves**.

Suas temáticas giram em torno de **conflitos em eventos cotidianos da vida burguesa**, que o autor usa para analisar, à sua maneira, o próprio caráter humano. Assim, comumente observamos mulheres e homens desiludidos por **amor não correspondido**; **casamentos** realizados por interesse (nem sempre em dinheiro); o ciúme; a traição.

Os **fatos históricos** também estão presentes nas obras de Machado: nelas, há referência à Guerra do Paraguai (no conto Um Capitão de Voluntários, do livro *Relíquias da Casa Velha*);

à declaração da maioria de D. Pedro II, para que pudesse assumir o trono do Brasil Império (em *Dom Casmurro*); à escravidão e aos momentos logo **subsequentes** à libertação dos escravos; à monarquia e às batalhas políticas na transição para a República.



*Muitos fatos históricos foram retratados na obra machadiana, entre eles a Guerra do Paraguai, retratada acima no quadro de Pedro Américo, Batalha do Avaí.*

O **panorama político** é uma temática bastante presente nas obras machadianas. Em seus livros, há grande número de alusões à monarquia e à **república**. Exemplo disso podemos encontrar na obra *Esaú e Jacó*, na qual dois irmãos, que professam ideologia política diferente (um republicano, o outro monarquista), disputam o amor da mesma mulher.

Machado também se caracteriza por veicular, em suas obras, **ideias** filosóficas, sendo bastante conhecida sua filosofia humanitista, elaborada pelo personagem Quincas Borba. O pensamento humanitista afirma que há uma tendência do **homem** sempre lutar pela sua **sobrevivência** ou mesmo para sua **escalada social**, mesmo que isso prejudique a outrem. Essa filosofia está resumida na célebre frase “Ao vencedor, as batatas”, que o personagem diz após refletir sobre um episódio a seguir:

“Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.”

Pode-se perceber, no trecho acima, uma relação com as teorias **naturalistas**, a **lei da seleção natural**, na qual os mais capazes de adaptarem-se ao ambiente têm mais chances de sobreviver.

O pessimismo das obras de Machado de Assis é também bastante conhecido e registrado pela crítica literária. Esse pessimismo se caracteriza principalmente pela **predeterminação** do **homem a ser infeliz**, ou seja, todo ser humano teria por destino a infelicidade. O clássico *Memórias Póstumas de Brás Cubas* apresenta de maneira bem evidente essa característica logo na dedicatória: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas Memórias Póstumas”. Em vez de homenagear alguém, ele dedica a obra a um verme, colocando-o acima do ser humano. No final, outra clássica demonstração de pessimismo: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.

O tom pessimista de Machado é completado pela **ironia** e muitas vezes **sarcasmo** que sua obra apresenta. Na própria obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a ironia começa já no fato do autor ser um narrador-defunto, o que o liberaria para

contar mais abertamente sua história, sem se preocupar em ferir pessoas.

Ainda nessa obra, a constatação do amor de Marcela pelo narrador (ou pelo que ele poderia oferecer-lhe) é também carregada de tom irônico: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis”. Já em *Quincas Borba* e *O alienista*, o autor ironiza a filosofia **positivista** e o **cientificismo**, carregando de termos científicos e sugerindo a incapacidade de compreensão da realidade apenas pelo foco da ciência.

No conto A cartomante, o autor tece ironicamente uma crítica ao misticismo, quando narra a previsão de futuro não realizada por uma cartomante. Esse **eticismo** será encontrado também em várias de suas obras.

## **Machado, pai do Realismo brasileiro**

O **Realismo** é um movimento literário que surge no **século XIX**, juntamente com o Parnasianismo e o Naturalismo. Esse movimento se caracterizou por buscar **retratar a sociedade de maneira objetiva**, mergulhando na análise da psicologia humana, contrariando o Romantismo, que supervalorizava o sentimento.

No Brasil, esse movimento teve início com a publicação do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do nosso ilustre Machado de Assis, que acabou sendo a figura central do realismo brasileiro.

Machado imprimiu com sua obra quase todas as características desse movimento no Brasil: **análise psicológica** dos personagens; abordagem de temas relacionados à **sociedade da época**; **ambientação urbana**; narração permeada de **fatos cotidianos**; narrativa **não linear** e recheadas por pitadas de **humor** e **pessimismo** resumem bem o que foi o Realismo no Brasil.

## **Contexto Histórico em que a obra foi produzida**

O contexto histórico no qual a obra de Machado de Assis foi produzida é profundamente marcado por transformações político-culturais e no pensamento humano.

No Brasil, vivia-se um panorama caracterizado pela passagem do regime **monárquico para o republicano**, que ocasionou os seguintes fatos:

- O Brasil tinha se tornado independente de Portugal havia pouco tempo, o que interferiu no modo de ver as relações entre os portugueses e os brasileiros;

- Abolição da escravatura, que gerou uma mudança nos papéis sociais de donos de terra e trabalhadores rurais, mas não mudou, de imediato, a mentalidade desses atores sociais. Machado se serviu disso para abordar ironicamente as relações interpessoais nesse período.

- Proclamação da República, que intensificou o debate acerca dos ideais políticos liberais e conservadores e republicanos e monarquistas.

- Revoltas civis e campanhas militares, como a Guerra do Paraguai, a Guerra de Canudos.

- O Encilhamento, que foi uma crise financeira da época, registrado em *Esaú e Jacó*.

- Fortalecimento dos ideais positivistas e cientificistas.

## **A cartomante e outros contos**

Coerente com o seu estilo, Machado discute nos contos desse livro temas como traição, comportamento humano, com destaque para as ações e atitudes das personagens femininas, ironia, pessimismo, fatos históricos, a hipocrisia da sociedade burguesa de sua época, prestígio social e muitos outros conflitos próprios da condição humana, como o medo da morte, repressão de desejos e a convivência em sociedade.

Percebemos também a presença de temas como o misticismo e muitas referências à Bíblia. Quase sempre tais temas aparecem em oposição a outros, numa construção dúbia, como morte e vida, crença e ceticismo, a palavra de Deus e a dos homens, o pecado e o arrependimento, o ódio e o amor, o perdão e o ressentimento, o destino e a sorte. Todos esses elementos serão de grande importância para a elaboração dos contos dessa obra.

Os títulos dos contos do presente livro são:

1. Missa do Galo
2. A cartomante
3. Uns braços

## A Cartomante e outros Contos

4. Mariana
5. Conto de escola
6. O diplomático
7. D. Paula
8. A causa secreta
9. Um apólogo
10. Adão e Eva

Em cada conto, Machado nos apresenta um novo conflito humano, observado e pensado por um olhar que, muitas vezes, surpreende o leitor, quebrando as suas expectativas. Fortemente envolvidos por sua ironia, diálogo e ritmo, as narrativas curtas de *A cartomante e outros contos* são um convite ao mergulho no universo infinito que é a linguagem machadiana.

### **O Gênero Conto**

O conto é um texto narrativo e ficcional de curta extensão. Em geral apresenta narrador, personagens e enredo. Tempo e espaço também são dois elementos de grande importância para o gênero, embora possam estar bem delimitados ou não. Escrito em prosa, o conto desenvolve-se em uma estrutura fechada, tendo um momento chave como clímax. Caracteriza-se principalmente pela concisão, tendo poucos desdobramentos se comparado, por exemplo, a um romance.

### **Os contos Machadianos**

Em seus contos, Machado mantém as suas características marcantes, como a ironia, crítica à sociedade de sua época, conversa com o leitor e utilização do contexto histórico a favor do enredo desenvolvido.

De um modo geral, os personagens pertencem à classe dominante, burguesa da época. Em suas emoções demonstram hipocrisia e pessimismo, muito recorrentes também no estilo do autor que, para tanto, se utiliza do recurso de aprofundamento psicológico dos personagens.

Percebemos ainda que são poucas as ações e fatos nas histórias. A linguagem apresenta uma perfeição gramatical e elementos intertextuais, com referências a outras obras consagradas da literatura universal, à história e ainda à Bíblia. Há a presença de várias personagens femininas, que geralmente são complexas, racionais e também emotivas, astuciosas e também puras, configurando-se numa grande metáfora para a visão instável do amor.

### **Análise Crítica**

“Nunca pude entender a conversa que tive com uma senhora, há muitos anos, eu tinha dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Como havia combinado com um vizinho de irmos à missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia-noite.” (p.9)

- O conto de abertura do livro é *Missa do Galo*, um dos mais emblemáticos contos de Machado de Assis.
- O enredo é simples, trata-se da conversa ocorrida em uma noite de Natal entre Conceição e Nogueira, ele, estudante de dezessete anos, ela, esposa do Meneses, homem que antes fora casado com sua prima. Nogueira era da cidade de Mangaratiba e estava no Rio de Janeiro para estudar para os testes preparatórios.
- O trecho em destaque é o início do conto. Já podemos perceber a dúvida do narrador, neste caso, Nogueira, ao recordar um fato ocorrido no passado: a conversa com Conceição, na noite de Natal, sozinhos na sala, num clima de sensualidade e de mistério.
- Conceição é descrita como “uma santa”, conforme o narrador, pois ela sabia que o marido, Meneses, a traía e nunca havia se revoltado por isso. O marido dormia sempre uma vez por semana fora de casa com a desculpa de ir ao teatro, mas todos sabiam os reais motivos.
- A esposa parece não se importar com a traição, aceita como se fosse algo já natural em sua condição. Conceição é descrita com uma personalidade oscilante: ao mesmo tempo que é submissa às decisões do marido, demonstra certa independência de ações e gestos.

- Em sua obra, Machado de Assis costuma trazer referências de outras obras da literatura universal. Dois romances são citados ao longo desse conto: *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, e *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo.

“Tal foi a emoção da minha palavra que a fez sorrir. Costumava ter gestos demorados e as atitudes **tranquilas**; agora, porém, levantou-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim como estava, com um desalinho honesto, dava-me outra impressão singular. Embora magra, tinha não sei que balanço no andar, como se fosse difícil levar o corpo; essa aparência nunca me pareceu tão distinta como naquela noite”. (p.13)

- Conceição, no dia tratado pelo narrador, é descrita com sensualidade e uma exuberância distinta dos outros dias.
- Segundo Nogueira, ela costumava ter gestos lentos e ser **tranquila**. No dia em questão, ela demonstra gestos rápidos e um “não sei quê” no andar, juntamente com as vestes de dormir davam-lhe um toque especial de sensualidade.
- Durante a conversa não acontece nada de novo, mas o rapaz fica pensando na moça e no que se passou naquele Natal em que os dois estavam a sós.
- Tudo no conto sugere uma relação dúbia, a personalidade de Conceição, que é ora santa, ora extremamente sensual, a diferença de idade entre Conceição e Nogueira, o fato de ela ser mais velha e ainda assim tentar seduzir o rapaz, a traição do marido Meneses e a fidelidade da esposa.
- A relação dúbia já é explicitada desde o início do conto, quando o narrador afirma não entender até hoje o que de fato se passara naquele dia. A sensualidade da conversa, os gestos diferentes de Conceição deixam o rapaz com dúvidas.
- No dia posterior, Conceição age como se nada tivesse acontecido. Tempos depois, Nogueira retorna a sua cidade de origem, Mangaratiba. Meneses morre e a moça casa-se novamente.



- Aparentemente, não acontece nada de importante, nada acontece entre eles durante a conversa e nenhum fator externo dá maior dinamicidade ao conto. Porém, é primoroso a representação de Conceição e o contexto histórico do conto.
- Conceição é a típica mulher machadiana, que tem personalidade forte, oscilante e que tenta ser controladora.

“Hamlet comentava com Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que a bela Rita dava ao moço Camilo, numa **sexta-feira** de novembro de 1869, quando este ria dela por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.” (p.18)

- O conto *A cartomante* traz uma visão pessimista e cética da vida. Através do recurso da análise psicológica dos personagens, Machado de Assis elabora o enredo em que critica o misticismo e a crença em adivinhações. Outros temas ainda trabalhados por ele são a hipocrisia, as contradições humanas, a traição, o pessimismo, o misticismo, a ironia e o comportamento humano.
- O trecho destacado apresenta uma frase, cuja referência encontra-se no livro *Hamlet*, do escritor Shakespeare. Esta intertextualidade é o elemento que une e em que se baseia toda a narrativa.
- A referida frase diz respeito ao anticlímax que encontraremos ao ler este conto. Há uma quebra na antiga **ideia** de “final feliz”, o que interessa agora são os fatos e os efeitos nas ações e comportamento humano.
- O enredo do conto *A cartomante* trata da história de um triângulo amoroso. Vilela e Rita são casados. Camilo, grande amigo de infância de Vilela, os reencontra após muitos anos e se apaixonada pela mulher do amigo. A bela Rita o corresponde e eles começam um romance às escondidas.
- Certo dia, preocupada com as raras visitas do amante, Rita visita uma cartomante, que lhe dá notícias felizes, boas. Vilela não acredita nessas crendices, mas também fica nervoso, dias depois, ao receber um bilhete do amigo pedindo para falar com ele em caráter de urgência. Com isso, aparece uma

oportunidade de visitar a mesma cartomante que Rita. Ao fazer a consulta, ela adivinhara o motivo e também lhe dá uma informação feliz.

- Porém, ao chegar à casa do amigo, Camilo é surpreendido pela ira de Vilela, vê o corpo de Rita, já morto, e também morre a tiros. Se relacionarmos o final com o início do conto, percebemos que há indícios do final trágico relatado. A frase citada ao início dá um ar de mistério e inesperado ao longo de todo o texto.
- Do mesmo modo como “há muitas coisas entre o céu e a terra”, há mistérios entre a crença e a dúvida, o misticismo e o ceticismo, o amor e o ódio, a alegria e a tristeza, o prazer e a dor, a vida e a morte. O conto também é baseado nessas polarizações promovidas pelo autor para dar dinamicidade à trama e enfatizar o aprofundamento psicológico dos personagens.

“Inácio comendo devagarinho, não ousando levantar os olhos do prato, nem para colocá-los onde eles estavam no momento em que o terrível Borges o tratou mal. A verdade é que seria agora muito arriscado. Nunca ele pôs os olhos nos braços de D. Severina que não esquecesse de si e de tudo.”  
(p.30)

- O conto *Uns braços* traz a história de Inácio, que morou por um tempo na casa do solicitador Borges e sua esposa D. Severina. Inácio era um rapaz de apenas quinze anos, imaturo, confuso e desastrado. Sempre confundia os mandados do solicitador, as ruas das entregas dos documentos, as casas das pessoas, vivia sem prestar atenção em quase nada.
- O que distraía e era o motivo da adoração do menino Inácio eram os braços de D. Severina. Ela os trazia sempre à mostra, em vestidos sem manga. O menino achava-os sensuais e, de fato, ao vê-los, “esquecia de si mesmo e do mundo”.
- Os braços de D. Severina chamavam tanto a atenção do garoto que ele por vezes sonhava acordado com aqueles braços. Acabava ficando distraído e por isso constantemente errava os mandados que o solicitador o mandava fazer.
- Com raiva dos erros do garoto, o Borges o tratava mal, o insultava e gritava com o menino. Este, revoltado com tamanha grosseria, queria ir embora da casa, mas sentia-se “preso aos braços de D. Severina”.

“Aqui o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela. A diferença é que a visão não recuou, e a pessoa real, assim que cumpriu o gesto, fugiu até a porta, vexada e medrosa.” (p.37)

- Com o passar dos dias, D. Severina percebeu que Inácio a observava e foi se afeiçoando ao garoto. O trecho destacado apresenta o dia em que a jovem senhora entrou no quarto do garoto e o encontrou dormindo. Sua feição graciosa encantou a mulher que o beijou levemente na boca.
- O garoto, por sua vez, sonhava com a mulher e concluiu que aquilo era um sonho. Jamais teve a certeza de que “o sonho havia coincidido com a realidade”.
- Logo após o acontecido, D. Severina foge, fica com medo de ser descoberta por seu marido. Depois, ela trata de cobrir os braços e consegue convencer o marido a entrar em contato com a família do garoto e mandá-lo de volta com o pretexto de não poder ficar com ele.
- Percebemos mais uma vez a profundidade psicológica dos personagens a partir das reflexões de D. Severina, que após beijar o garoto se arrepende e volta à sua realidade, o casamento, o fato de ser mais velha que o garoto e todas as convenções sociais.
- Também reaparece a temática da traição, tão **frequente** em Machado de Assis, aqui também representada por uma personagem feminina. Mais uma vez típica desse autor, com personalidade oscilante e misteriosa.

Hesitava entre o morro de S. Diogo e o campo de Sant’Ana, que não era então esse parque atual. Construção elegante, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, repleto de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.” (p.51)

- *Conto de escola* traz um pouco da visão de Machado sobre a infância e o contexto escolar. Conta a história de um menino muito esperto, inteligente e travesso chamado de Pilar.

A Cartomante e outros Contos

- Ele costumava desviar do caminho da escola e ficar à toa, “matando a aula”, de vez em quando. Sofria com a surra do pai, como **consequência** de suas travessuras. O trecho em destaque relata um dia em que o garoto hesitava em ir à escola para ficar brincando no morro ou no campo. Por fim, fala a razão, e ele decidiu ir à aula.
- Durante a aula, Raimundo, o filho do professor, pede-lhe para fazerem um trato: Pilar ensinaria um trecho da lição de gramática para Raimundo e, em troca, ganharia uma moeda antiga, muito bonita.
- O plano, porém, não chega a ser concluído, pois Curvelo, outro rapaz da turma, denuncia a travessura ao professor, que surpreende os dois e os pune com a palmatória.
- Percebemos a importância da verossimilhança na obra de Machado. O autor parece construir todo o enredo a partir de fatos corriqueiros e cotidianos.

“Mas nós também éramos espertos; metemos o nariz no livro e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou os noticiários do dia, três ou quatro folhas, que ele lia devagar, mastigando as **ideias** e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha com certeza algum partido, mas nunca pude verificar esse ponto. (p.53)”

- Nesse trecho, aparece uma referência ao período regencial do Brasil, período no qual o Brasil foi governado por uma regência pelo fato de D. Pedro II ainda não possuir a maioria. Ocorreu entre 1831 a 1840.
- Conforme se afirma no trecho destacado, nesse período era grande a agitação pública, ocorreram diversas rebeliões ao longo de todo o País, tais como a Cabanagem, no **Grão-Pará**, a Balaiada, no Maranhão, a Sabinada, na Bahia, e a Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul. Havia grande descontentamento com o poder central, e a população exigia resoluções para as tensões sociais existentes.

- Seguindo a história do conto, o professor Policarpo costumava ler o jornal para se atualizar das notícias do País. Sendo um momento político bastante conflituoso, era comum e importante se manter atualizado.
- O professor decerto teria alguns interesses políticos, mas isso não fica claro na história.
- Mais uma vez, percebemos que Machado de Assis se utiliza do contexto histórico em que vive para auxiliar em sua criação literária. O período regencial aparece no conto como pano de fundo para justificar a sociedade da época, que vivia em clima de agitação e conflitos.

“Era uma bonita velha, elegante, dona de um par de olhos grandes, que deviam ter sido infinitos. Enquanto a sobrinha chorava, ela foi fechar cautelosamente a porta da sala e voltou ao sofá. No fim de alguns minutos, Venancinha parou de chorar e confiou a sua tia o que era.” (p. 71).

- O trecho em destaque pertence ao conto que se chama D. Paula e conta a história de um conflito matrimonial entre Venancinha e Conrado. O jovem casal tem problemas por causa de ciúmes, causado por um terceiro elemento, o Vasco Maria Portela, que tenta seduzir e chamar a atenção de Venancinha.
- D. Paula é tia de Venancinha e é chamada à casa da sobrinha para ajudá-la a se entender novamente com o marido. O casal havia brigado após a esposa ter dançado na noite anterior com o Vasco Maria Portela, que provoca os ciúmes de Conrado.
- O trecho em destaque descreve D. Paula, uma senhora elegante, solicitada para trazer de volta a paz conjugal. Ela consegue convencer o marido a perdoar a esposa e faz um acordo para levá-la consigo por uns dias até sua casa.
- Lá, D. Paula descobre que o envolvimento da moça com o dito rapaz é muito mais intenso. Ele vai atrás dela e tenta vê-la na casa de D. Paula. Depois disso, a tia consegue obter algumas confissões da sobrinha em que ela revela, de fato, o que houve entre eles.

- Perceba que mais uma vez os temas tratados no conto são o comportamento feminino, a traição e a importância de se manter as aparências na classe burguesa, levando a revelar a hipocrisia social e humana.

“A sobrinha é que levou seu pensamento ao passado. Foi a presença de uma situação parecida, de mistura com o nome e o sangue do mesmo homem, que acordou algumas velhas lembranças. Não esqueçam que elas estavam na Tijuca, que iam viver juntas algumas semanas, e que uma obedecia à outra; era tentar e desafiar à memória.” (p. 74)

- A história de aventura da sobrinha Venancinha fez D. Paula lembrar-se de uma aventura amorosa vivida no passado. Inclusive, o sujeito pelo qual ela se apaixonou era, então, pai de Vasco Maria Portela, o rapaz que tentava seduzir a sobrinha e que, inclusive, herdou o mesmo nome do pai.
- As lembranças de D. Paula se misturam com a realidade vivida, mesclam-se, deixando-a confusa. Ela parece reviver ao recordar do que aconteceu há muito tempo atrás.
- A memória renasce em D. Paula e ela consegue se enxergar um pouco na história da sobrinha, que estava visivelmente envolvida pela atenção, carinho e investidas do jovem rapaz.
- D. Paula sente-se comovida ao ouvir a confissão da sobrinha e saber que os dois se falaram algumas vezes mais e que o homem chegou a se declarar. Porém, permanece a intenção moralista da tia em afirmar que tal atitude não é a correta. É preciso tentar segurar o marido para que ele não resolva abandoná-la.
- Nesse conto, percebemos a elaboração complexa do enredo criado por Machado, que consiste em contar uma história a partir de outra. Por fim, as histórias se misturam, **tornando-se** uma só. Afinal, a história da sobrinha é também da tia, e os conflitos humanos, sejam amorosos, sociais ou políticos, são universais, são de todos.
- Machado universaliza os sentimentos e sofrimentos das personagens ao representá-los de modo intrínseco à história elaborada em sua ficção, representado neles a condição humana.